

INSD NEWS

O imaginário da sociedade brasileira sobre os indígenas.



**Nomes: ANNA CAROLINA, MARIA CLARA,
NATÁLIA E ANA JÚLIA.**

TURMA:201

Los pueblos indígenas.

Históricamente, los pueblos indígenas siempre han sido la base de la cultura brasileña. Varias imágenes e ideas de pueblos no indígenas son completamente inaceptables. El proceso comenzó con la llegada de europeos a Brasil. Los pueblos indígenas sufren diferentes juicios y opiniones sobre ellos. Características, habilidades, estilo de vida. Está relacionado con la naturaleza del cuerpo y el espíritu. La gente piensa que los pueblos indígenas no son desarrollados estructuralmente por la población local, pero los hechos no son 100% correctos, porque los indígenas viven en ciudades, tienen salarios fijos, tienen ciudadanía, permiso de trabajo, trabajos y familias sostenibles.



O dia do Índio nas escolas.

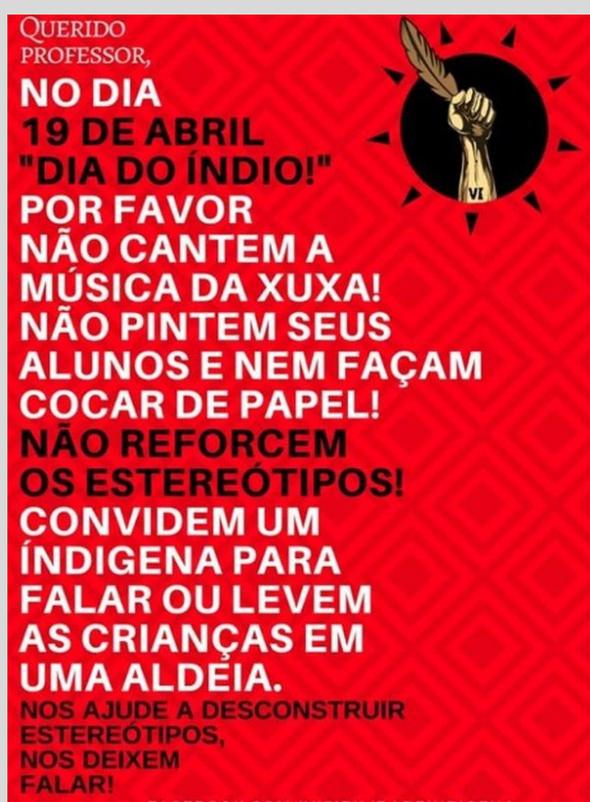


Katú Mirim- Foto: Reprodução, Facebook

Katu é uma indígena urbana, ou seja, ela nasceu na cidade. Ela já estudou em uma escola pública, e foi aí que teve sua primeira experiência sobre a campanha do Dia do Índio. "A escola sempre reforçou o estereótipo do indiozinho pelado e selvagem.

A professora dava um desenho do índio que só usava uma folhinha pra cobrir as genitais, pintávamos o desenho, fazíamos cocar de papel e quando colocavam na minha cabeça diziam: 'Você é índia selvagem' e batiam na boca. Nunca vi a escola falar a verdade sobre nós", conta ela.

E isso ainda não mudou. Na escola da filha dela ainda comemoram o Dia do Índio dessa mesma maneira. Uma vez a filha de Katu foi contar para as amigas que elas eram indígenas, mas as amigas não acreditaram pois disseram que a professora tinha falado que os indígenas moravam e ocas no meio do mato e comiam mandioca. Isto acontece por que as pessoas já crescem com o estereótipo de que os indígenas são assim. Mas a sociedade em si, deveria conhecer mais a história dos indígenas para poder romper com este preconceito.



Os indígenas e as questões geográficas.

A Constituição Federal do Brasil de 1824 não considerava a existência dos povos indígenas, considerando, assim, que a sociedade brasileira era homogênea. Já a Constituição Federal de 1988 passou a considerar a pluralidade étnica como direito, evidenciando a questão da proteção às comunidades indígenas e estabelecendo prazo para que suas terras fossem demarcadas.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) passou a incluir os povos indígenas no censo demográfico. E segundo a Funai, a população indígena cresceu cerca de 150% na década de 90 devido ao aumento de pessoas que se declararam indígenas.

Os povos indígenas estão espalhados por todo o território brasileiro, eles habitam o Brasil antes mesmo de sua descoberta, porém o número atualmente de indígenas no país é inferior ao período da colonização.

Boa parte da população indígena vive em áreas chamadas de Terras Indígenas, existem hoje 690 terras indígenas no país.

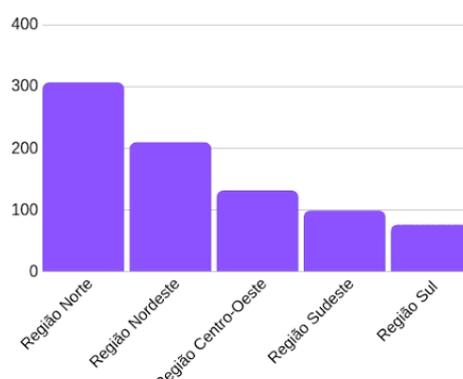
O censo demográfico de 2010 realizado pelo IBGE constatou que atualmente há no Brasil cerca de 817.963 indígenas. Desse total, 502.783 encontram-se na zona rural e 315.180 habitam os centros urbanos. O censo também identificou, em parceria com a Funai, 505 terras indígenas, representando 12,5% do território brasileiro. Desse total de terras, em apenas dez apresentam uma população indígena maior que 10.000 habitantes.

As pessoas criaram estereótipos de que os indígenas vivem afastados das cidades, e moram em ocas e perto da natureza, mas não, há diversos indígenas que estão espalhados pelos centros urbanos, por exemplo, há uma aldeia na maior metrópole do país, São Paulo, e eles estão ali bastante tempo. Os indígenas também possuem uma vida e têm profissões também, um exemplo é Fernanda Kaingang (Povo Kaingang) – Advogada e Mestre em Direito Público, Fernanda Kaingang enxerga o Direito como arma de luta dos povos indígenas.



Fernanda Kaingang — Foto: Globo / Igor Tripolli

População indígena por região no Brasil



Os indígenas e as questões ecológicas

Com a meteorologia, os índios constroem seus calendários, marcando a época dos trabalhos agrícolas, de floração e frutificação, da reprodução dos peixes e outros animais. O céu também guia o tempo das festas religiosas e dos procedimentos feitos pelos pajés para proteção e cura dos índios da tribo. .

Culturalmente, a natureza representa para os indígenas muito mais do que um meio de subsistência. Representa o suporte da vida social e está diretamente ligada aos sistemas de crenças e conhecimentos, além de uma relação histórica.



Os rituais indígenas.



Uma grande parte dos rituais realizados pelos diversos grupos indígenas do Brasil pode ser classificada como ritos de passagem. Eles são feitos geralmente na mudança da adolescência para a vida adulta, ou em uma iniciação, como quando os homens começam a caçar.

EXEMPLOS:

- Eles retiram o prepúcio do pênis de meninos sem anestesia e os obrigam a comer a pele sem mastigar. Após o processo de cicatrização da circuncisão, os garotos passam por outro trauma. Cortam seus pênis próximos ao testículo e devem deixar o sangue escorrer em uma fogueira. Para finalizar, precisam sentar e urinar como uma mulher. Este processo é conhecido como um ritual de purificação.

- Outro teste com os garotos são para descobrir se estão aptos a participar da caçada com os homens. É aplicado um veneno diretamente nos olhos dos meninos, a justificativa é que isso pode melhorar a visão e aguçar os sentidos. Logo após, eles são chicoteados e espancados, e aplicam o veneno de um sapo da região nas feridas. O objetivo é aumentar a resistência e força dos garotos, que passam por enjoos, vômito e diarreia.
- O ritual da morte pode durar até três meses para os índios Bororo. Isso é necessário para que haja total decomposição da carne do defunto. Em um local no pátio da aldeia, é cavado um buraco raso, onde é depositado o corpo do cadáver. Os índios regam o corpo diariamente para acelerar a decomposição.

O ritual também envolve muitas festas, com danças, comidas e teatro. Quando se passam três meses, acontece a exumação do corpo e o mesmo é levado ao rio. Lá, eles lavam e limpam todos os ossos e levam de volta para a aldeia para serem pintados. Em um local do rio chamado "morada das almas", eles afundam os ossos dentro de uma cesta e prendem um pau que fica com a ponta fora da água.



Antes da colonização, os índios que habitavam o território (hoje denominado Brasil) tinham uma cultura com a ausência de política, Estado e governo; ausência de moeda e de trocas mercantis e eles viviam em coletividade.

Portanto, depois da colonização, os europeus que chegaram, tiveram uma visão etnocêntrica sobre os povos indígenas, a qual considerava o modo de vida indígena inferior por não conter elementos considerados, pelos europeus, símbolos de civilização e progresso.

Da cunhã é que nos veio o melhor da cultura indígena. O asseio pessoal. A higiene do corpo. O milho. O caju. O mingau. O brasileiro de hoje, amante do banho e sempre de pente e espelhinho no bolso, o cabelo brilhante de loção ou de óleo de coco, reflete a influência de tão remotas avós.

Gilberto Freyre



Gilberto Freyre, sociólogo, publicou o livro "Casa Grande e Senzala" esta obra é dividida em 5 capítulos e um deles se refere aos indígenas, pois foi um povo que constituiu e ainda constitui o Brasil. Nesta obra, Freyre discute a formação brasileira a partir de temas como, cultura e costumes.

No entanto, a antropologia e a sociologia contemporâneas já desmistificaram essas análises preconceituosas, estabelecendo que as diferenças culturais entre os povos não são motivos para estabelecer-se uma hierarquia cultural.

Porém até hoje a sociedade impõe um padrão sobre o povo indígena. Acha que eles são como é reproduzido nas escolas e nas televisões: um índio nu, com o rosto pintado, morando em ocas no meio do mato, e essa não é mais a realidade do povo indígena. Hoje em dia muitos deles vivem nas cidades, estudam em escolas da cidade e tem acesso a tecnologia. Podem ser médicos, advogados, professores e entre outros.



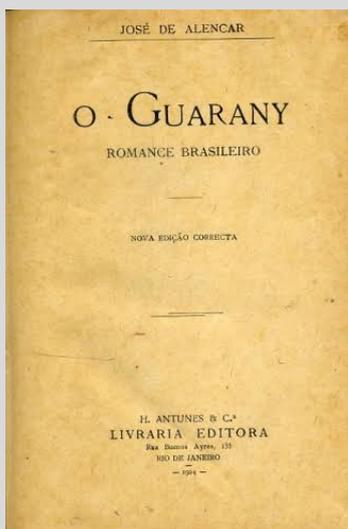
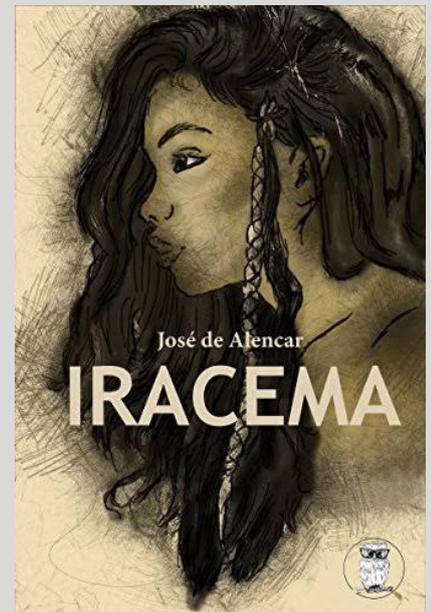
O Indianismo.

O Indianismo ou mais conhecido como Literatura Indianista corresponde a uma das tendências literárias mais marcantes do período romântico. Esta literatura está associada a versos produzidos, poemas cantos e preces. Essa tendência foi explorada anteriormente pelo movimento do barroco, com obras de José de Anchieta: "Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil, Poema à Virgem e A Cartilha dos Nativos", no arcadismo, por Basílio da Gama, com sua obra "O Uruguai" (1769) e José de Alencar.

A representação do indígena no romantismo indianista possuiu algumas características marcantes que serviram para caracterizar esse período literário. Enquanto na Europa os heróis nacionais eram os cavaleiros medievais, no Brasil, os índios eram os heróis. O índio no romantismo era sempre descrito como um forte guerreiro.

José de Alencar criou a obra "O Guarani", considerada a primeira grande obra de romanca brasileiro, essa obra foi publicada originalmente como folhetim de janeiro a abril de 1957, sendo lançando em livro depois. A obra é uma das maiores representantes da fase indianista. Esta obra procurava valorizar o indígena e transformá-lo em um verdadeiro herói, sempre tentando mostrar a a realidade, exibindo a beleza dos indígenas e do Brasil.

O índio de Alencar é uma espécie de reserva moral da nação, abstrata e filosófica. Um índio que um dia talvez "descerá de uma estrela colorida e brilhante" qualquer para indicar os rumos a tomar.



201 NEWS



Integrantes: Alessandra Brasil, Arthur Veiga, Dereck Xavier, Eros Monteiro,
Juliana Ferreira, Lucas Matias e Miguel Uruguay.

Turma: 201

Geografia: Eros Monteiro

Qual imaginário dos brasileiros sobre os indígenas?

Os brasileiros possuem uma visão muito clichê sobre os indígenas. Achem que o índio é um ser de inteligência inferior com hábitos primitivos, que sempre andam nus e não possuem conexão com o mundo de fora.

Os indígenas brasileiros se encontram nas regiões do Amazonas, na região Sudeste, no estado da Bahia; na região Centro-Oeste, no estado do Mato Grosso do Sul; na região Sudeste, no estado de São Paulo e na região Nordeste, no estado do Rio Grande do Sul. Eles vivem em constante luta pelos seus direitos territoriais e de vida. O povo brasileiro possui um pensamento errado sobre os indígenas, e esquecem totalmente da bagagem histórica e cultural que eles proporcionaram ao Brasil. A maioria das pessoas acham que os indígenas são inferiores e que vivem de forma primitiva. Esse estereótipo deve ser quebrado.

Filosofia e Sociologia: Arthur Veiga, Dereck Xavier e Miguel Uruguay



Uma parte da sociedade tem uma visão preconceituosa e outras idealizam a cultura desses povos. A definição adotada por um grupo de pessoas pode ser considerado indígena ou não, se estas pessoas se considerarem indígenas, ou se assim forem consideradas pela população que as cerca. Mesmo sendo o critério mais utilizado, ele tem sido colocado em discussão, já que muitas vezes são interesses de ordem política que levam à adoção de tal definição, da mesma forma que acontecia há 500 anos

É comum ver pessoas acreditarem e reproduzirem o estereótipo do índio preguiçoso, selvagem e incivilizado.

Por outro lado, hoje se tem mais respeito pela cultura indígena, uma parte significativa da sociedade já reconhece a importância da influência indígena em nossa sociedade e luta para manter a cultura deles vivas.

Outro estereótipo negativo sobre os índios são a crença de que todos pertencem a mesma etnia e compartilham das mesmas crenças, o que é distante da realidade.

Existem hoje medidas de reafirmação para os povos indígenas, para que os mesmos tenham acesso ao ensino superior e outras políticas públicas.

Essas cotas costumam atrair bastante comentários negativos sobre as populações indígenas em nossa sociedade.

Biologia: Lucas Matias

Dança da chuva: saiba o que é e o que representa para os povos indígenas



Pataxós durante protesto em Brasília: população indígena incorporou pedidos de preservação do meio ambiente em seus rituais - (foto: André Coelho/AFP)

Em época de seca, na qual Brasília passa [meses sem ver chuva](#), é comum que os moradores da cidade brinquem sobre a necessidade de se fazer uma "dança da chuva", referindo-se a um ritual comum entre muitos dos povos indígenas brasileiros. Mas o que, realmente, representa essa cerimônia para as populações originárias do país? Braulina Aurora, antropóloga e indígena do clã Waliperedakenai, explica que a ideia de dança da chuva sofreu, ao longo do tempo, uma grande deturpação, devido à falta de compreensão, o que ajudou para a banalização do ritual. Segundo ela, é comum a "exotização" daquilo que não se conhece.

“Na verdade, são rituais de passagem ou de comemoração pela chegada da temporada de chuvas. (Servem para) celebrar as flores que vão desabrochar, a troca das folhas das árvores e a reprodução de peixes, entre várias outras coisas. A chegada da chuva é sempre muito bem-vinda, significa tempo de fartura”, pontua.

“Cada povo tem seu calendário ecológico e há uma diferença enorme nos conhecimentos dessa prática para cada clã”, completa Braulina, que integra o povo Baniwa, do Amazonas, e veio para Brasília realizar mestrado em antropologia social. Ela acrescenta que esses rituais não são simples. “Só quem pode realizá-los são pessoas preparadas para isso.”

Relação com a natureza

Segundo o historiador José Inaldo Chaves, professor da Universidade de Brasília (unB), a variedade de rituais é grande, o que é natural, uma vez que há mais de [5 mil povos indígenas no Brasil](#). “Diferentes povos praticam danças como forma de agradecimento pela prosperidade ou como pedidos dirigidos ao Sagrado para que se reequilibrem e apaziguem as relações com a natureza, notavelmente com os ritmos vitais da água”, explica.

Como expressam a relação com a natureza, esses rituais acabam sofrendo transformações, refletindo, por exemplo, as degradações ao meio ambiente provocadas pelo homem. A Festa das Águas, na aldeia Imbicuruçu, dos Pataxós, em Minas Gerais, por exemplo, ganhou recentemente um novo tema: a defesa da preservação do ambiente.

Já as palejanças dos [Caiapós](#), em Roraima, são danças que clamam aos espíritos pela vinda da chuva, especialmente após um longo período de estiagem ou quando esse povo identifica algum desequilíbrio na relação com a Mãe-Terra, o que traz prejuízos não só materiais, mas também espirituais.

“Tais culturas mantêm uma relação genética e muito próxima com as matas, os rios e os animais não humanos. A natureza não é vista apenas como o ‘entorno’ ou ‘recurso natural’, mas como dimensão da própria existência da humanidade. Tal relação costuma ser sagrada, ritualizada e também politizada, pois faz parte de seus cotidianos locais”, completa Chaves.

🔗 **Fonte: Reportagem retirada do site “Correio Braziliense”.**

Espanhol: Juliana Ferreira

PRENSA] Discriminación a los mapuches



Pese a que la empatía con el pueblo mapuche ha mejorado en los últimos años, un estudio de la Universidad de Talca muestra aún severos sesgos racistas. El 42% de los encuestados en la investigación considera que el pelo rubio es más distinguido que el pelo oscuro.

En 2016, **Chile Genómico**, un estudio de la Universidad de Chile y la Universidad de Tarapacá, reveló que el promedio de la población chilena tiene un 53% de ADN europeo, otro 44,3% indígena americano y 2,7% africano.

Incluso, la investigación determinó que en el nivel socioeconómico ABC1, la proporción de gen indígena americano llega al 40,1%.

Sin embargo, una investigación del Centro

de Estudios de Opinión Ciudadana (Ceoc) de la U. de Talca concluyó que pese a este alto nivel de mestizaje entre la población, **el 52% de los chilenos afirma creer que no tiene ancestros indígenas**. El análisis, denominado “Estudio, Prejuicio y Discriminación Racial en Chile”, publicado en enero, y que entrevistó a 404 personas entre 18 y 60 años, determinó además que el 73% prefiere autodenominarse “chileno”, por sobre “mestizo” (24%) o “mapuche” (1,8%). Al separar la respuesta por estrato socioeconómico, **solo el 11,2% de los entrevistados de ingreso superior reconoce su condición de mestizo**.

Según Medardo Aguirre, director del Ceoc, académico de la U. de Talca y autor principal del estudio, la investigación muestra que **para la sociedad chilena tener orígenes europeos da cierta superioridad en términos sociales**, por lo que cualquier otro reconocimiento racial se esconde. “En general, los chilenos no queremos asumir nuestro mestizaje, porque desde la época de la colonia ser mestizo es ser inferior”. Además, con toda la problemática del denominado ‘conflicto mapuche’, en el imaginario de los chilenos se piensa en ellos y se les asocia con actitudes violentas; olvidándonos que representan nuestros orígenes y que sus genes están presentes en la gran mayoría de los chilenos”. **Se asocia a los pueblos indígenas con pobreza**

...
Aguirre cree que Chile se ha ido convirtiendo en un país discriminador, “y una de las principales fuentes de discriminación es la pobreza. Se asocia a los pueblos indígenas con pobreza y por eso son discriminados”.

Carvacho señala que actualmente hay una evolución, “el contacto con la diversidad nos ha ayudado a ser más tolerantes. Eso es particularmente cierto en los sectores donde hay contacto con los migrantes. En los lugares donde hay mayor prejuicio es en los lugares donde no hay contacto. **La percepción de violencia de los mapuches es más grande en Santiago que en La Araucanía**, o el prejuicio hacia los inmigrantes es más grande en las comunas donde no hay migrantes”.

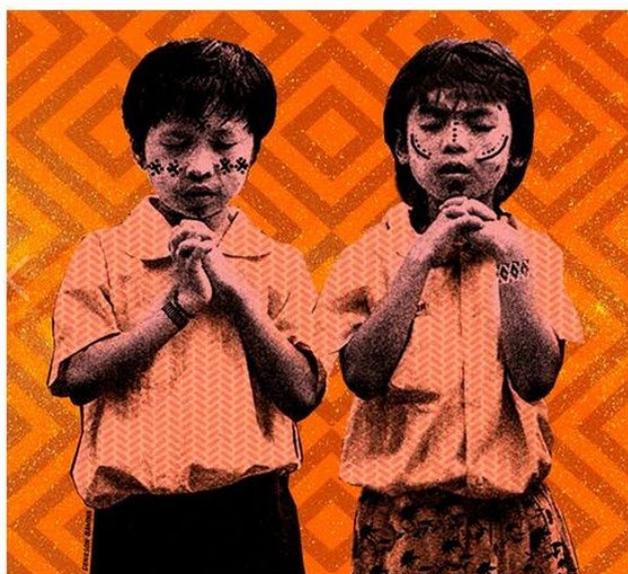
Europeos más inteligentes

Siguiendo con el análisis liderado por Aguirre, **un 37,6% establece que los europeos son más inteligentes que los chilenos y un 32,3% cree que los chilenos son más inteligentes que el resto de los sudamericanos.** Así como también, un 70,6% considera que los mapuches son poco atractivos físicamente, pero un 87,8% no los considera menos inteligentes. Al separar la respuesta por estrato, sólo 11,2% de los entrevistados de ingreso superior reconocen la condición de mestizo. “El no reconocer que somos mestizos ya muestra que de alguna forma nos consideramos inferiores a otros, como por ejemplo los europeos. Por tanto, para no sentirnos inferiores preferimos negar nuestros orígenes”, agrega Aguirre

Publicado en Qué Pasa de La Tercera

Indígenas lançam campanha contra estereótipos para o Dia do Índio: 'Não precisamos de outras pessoas para nos definirem'

Denílson Baniwa e Katu Mirim militam nas redes sociais sobre a causa e falam como são os indígenas em 2019; artista visual criou camiseta com referência a Star Wars em tupi.



Pai Nosso que estás nos céus
Neste dia 19 de abril
Nos livre das professoras e professores que pintam seus alunos com canetinhas hidrocor
Nos livre das escolas que colocam cocares de papel nas crianças
Pai Nosso, que estás nos céus
Não deixem as professoras ensinarem para as crianças que o Dia do Índio é uma homenagem aos povos originários
Mantenha longe de Nós aqueles que repetem as palavras:
Índio, Oca, Tribo, Selvagem, Pureza e Exótico
Afastem de Nós os bu-bu-bu feito com a mão na boca
Senhor, perdoem aqueles que por desconhecimento nos fazem uma imagem estereotipada
Mas livre-os do desconhecimento e do preconceito que os fazem acreditar que ainda somos os indígenas de 1500
Amém!

Em 2018, o artista visual Denílson Baniwa, 35 anos, escreveu um poema sobre os estereótipos sobre indígenas usados nas escolas no Dia do Índio, comemorado no dia 19 de abril. Juntamente com a página Visibilidade Indígena, ele começou uma campanha espontânea contra atitudes como pintura facial em crianças “com canetinhas hidrocor” e cocares de papel.

“Muitas vezes algumas pessoas não reconhecem os índios como eles são atualmente, porque acham que somos como foi reproduzido nas escolas e na televisão: um índio nu, vivendo na natureza. E isso não é mais realidade. Meu poema foi para falar sobre isso, de olhar para o índio de 2019 e não mais para o de 1500”, diz Denilson, que deu

entrevista ao **G1** usando uma camiseta criada por ele com uma referência à saga Star Wars.

Indígenas em 2019

A ativista Katu Mirim liderou a **campanha #ÍndioNãoÉFantasia** contra o uso de penas, pinturas corporais e cocares que remetem a povos indígenas no carnaval deste ano. De acordo com a indígena, trata-se de racismo e não homenagem.

Ela é uma das administradoras da página Visibilidade Indígena, que divulga nas redes sociais a militância sobre as causas indígenas.

"Criei a página em 2017 para trazer visibilidade e informações sobre a nossa pluralidade étnica, trazer visibilidade para nossos artistas e apresentar para a sociedade o indígena contemporâneo, o indígena no presente", disse ela ao **G1**. Katu é indígena urbana, ou seja, nasceu na cidade. Ela estudou em escola pública e conta que foi a partir de sua experiência que criou a campanha sobre o Dia do Índio nas escolas.



'Eu peço que olhem para os povos indígenas, nos respeitem, lutem conosco', afirma Katú Mirim — Foto: Reprodução/Facebook

"A escola sempre reforçou o estereótipo do indiozinho pelado e selvagem. A professora dava um desenho do índio que só usava uma folhinha pra cobrir as genitais, pintávamos o desenho, fazíamos cocar de papel e quando colocavam na minha cabeça diziam: 'Você é índia selvagem' e batiam na boca. Nunca vi a escola falar a verdade sobre nós", diz ela.

Katu diz que isso ainda não mudou. "Na antiga escola da minha filha, o Dia do Índio ainda está lá, com o cocar de papel, música da Xuxa e pipoca. Uma vez fui buscar minha filha na escola e ela falou para a amiguinha que somos indígenas.

A amiguinha respondeu que não, pois, no Dia do Índio, a professora falou que eles moram na oca, no meio do mato e comem mandioca", conta. Para Katu, a ignorância causa danos aos índios. "Hoje existem etnomídias que abordam essas questões e informação. Não se pode mais errar e continuar reforçando esses estereótipos que ajudam a nos inviabilizar, estereótipos que contribuem com nosso genocídio."

Como abordar o tema nas escolas



O artista plástico Denilson Baniwa, que milita por causas indígenas —
Foto: Bárbara Muniz Vieira/G1

Denilson não imaginava que a sua publicação do poema em rede social fosse repercutir quando a republicou neste ano.

“Foi uma provocação para falar sobre o dia 19 de abril, uma data instituída pelo governo que se tornou uma ‘homenagem’ aos indígenas, o que não é verdade. O dia 19 foi instituído com sentimento de resistência e de luta por direitos indígenas no mundo”, diz Denilson.

Para o artista, uma maneira adequada de abordar o Dia do índio nas escolas seria falar da diversidade e importância deles.

“Índio não é tudo igual e não fala tudo tupi. Existem mais de 300 etnias, que falam mais de 300 idiomas. É importante saber que os indígenas são diferentes no Sul, no Nordeste, no Norte, no Sudeste e no Centro-Oeste. São visões diferentes de mundo e de cultura. Essa diversidade é importante para a formação do Brasil e entendimento do país enquanto território nacional”.

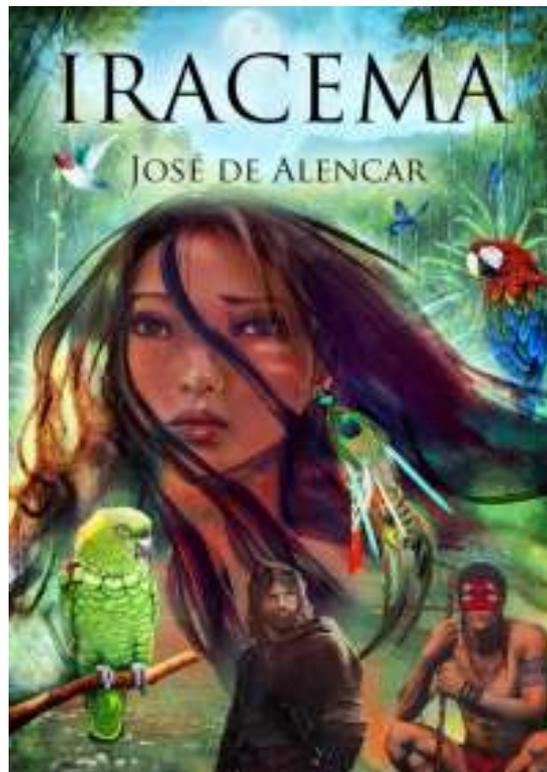
Já Katu resumiu a sugestão para as escolas no banner criado por ela.

"Pedi que por favor os professores não reforcem estereótipos, não coloquem a música da Xuxa, não sejam um desserviço. Acho importante a escola levar um indígena para falar, pesquisarem sobre a questão indígena. Nós existimos e resistimos. Está na hora de nos escutarem, entenderem nossas questões e nos deixarem falar. Vocês estão no Brasil, terra indígena, se não respeitam a raiz vão respeitar o quê? Se for pra reforçar estereótipos e racismo, o melhor é ficar quieto."

Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/04/19/indigenas-lancam-campanha-contra-estereotipos-para-o-dia-do-indio-nao-precisamos-de-outras-pessoas-para-nos-definirem.ghtml>

Literatura e montagem: Alessandra Brasil

Iracema: Análise da Obra



O romance de José de Alencar narra a história de um amor improvável entre um colonizador português, Martin, e uma índia da nação Tabajara, Iracema, no início do processo de colonização efetiva da costa brasileiro, no século XVII. Desse amor nasceria o primeiro mestiço, símbolo de uma nova raça que seria o povo brasileiro. - Fonte: Geekiegames.com.br

Escrita em **terceira pessoa**, o **narrador é onisciente**. O trabalho linguístico promovido por Alencar faz com que a obra seja situada no gênero de **prosa poética**, pois o autor privilegia aspectos relacionados à forma da poesia, como o ritmo, a aliteração e o uso abundante de metáforas, comparações e perífrases.

Há, segundo Antonio Candido, uma **melodia verbal** que conduz o romance, feita de descrições repletas de imagens e cores que ajudam na fusão da história com os elementos da natureza, característica tipicamente romântica.

A **paisagem** é elemento importante para a narrativa: o espaço geográfico em que se situa são as matas selvagens do litoral cearense. Há uma **valorização da cor local** por meio da ênfase na beleza das paisagens descritas, típico **recurso nacionalista** da primeira fase do romantismo. Metáforas e comparações ressaltam as paradisíacas terras brasileiras.

Iracema representa a **indígena submissa à cultura europeia**, e seu nome é um anagrama para América. Martim, por sua vez, representa o **guerreiro colonizador e conquistador**. Seu nome é associado a Marte, o deus greco-romano da guerra. A união entre os dois representa a **lenda da criação do Ceará**, pois Iracema foi enterrada à sombra de um coqueiro em que a jandaia, sua ave de estimação, cantava em lamento à sua morte. Ceará significa “canto da jandaia”.

É também da união entre o casal que nasce Moacir, cujo nome significa “filho do sofrimento”, representando o **primeiro cearense** e a gênese da nacionalidade brasileira, fruto do enlace entre o colonizador e o indígena.

Fonte: <https://www.todamateria.com.br/iracema/>

JORNAL

O IMAGINÁRIO DA SOCIEDADE BRASILEIRA SOBRE OS INDÍGENAS



Povos de indígenas do comércio esporádico

VITÓRIA SOARES - BIOLOGIA

Em termos de sustentabilidade ambiental, está associada a uma pressão ambiental pouco expressiva, porque a demanda por recursos naturais é baixa e reflete o caráter limitado das necessidades materiais dos grupos. Os povos nessa situação de contato podem ser distinguidos em duas subcategorias principais: de um lado os povos cujas terras são razoavelmente protegidas de invasões madeiras, garimpeiras, posseiras ou fazendeiras; de outro lado, aqueles que, embora sejam de contato recente, têm suas terras periódica ou constantemente invadidas por elementos exógenos.



Estereotipos de los pueblos indígenas

VITÓRIA SOARES - ESPANHOL

Si bien se han producido muchos cambios en relación al tema indígena con la Ley N° 10.639, que establece los lineamientos y bases de la educación nacional e incluye en el currículo oficial de la red educativa la obligatoria "Historia y Cultura Afrobrasileña e Indígena", todavía en el nos encontramos con algunas interpretaciones que, de alguna manera, preservan y difunden estereotipos que deben ser deconstruidos. Se advierte que, por lo general, los indígenas son vistos como una "parte intacta" de la Historia, no considerándolos como agentes históricos y, por tanto, sujeto a transformaciones.

En el siglo XVI, en la región bahiana, hubo una resignificación constante de los aspectos culturales enseñados por los jesuitas en la llamada santidad de Jaguaripe, así como en el siglo XXI, por Benilda Vergílio, estudiante de diseño que utilizó gráficos específicos. de su etnia Kadiwéu para organizar un desfile de moda en Bodoquema (MS). Es evidente que, a pesar de las rupturas históricas y aunque los contextos son diferentes, existe resistencia en ambos casos en cuanto a la preservación de la identidad, la memoria y los aspectos culturales indígenas. De esta manera, se deben considerar los intercambios culturales y los procesos interculturales.

NESTA EDIÇÃO

DESCONSTRUÇÃO

ESTEREÓTIPOS

INDÍGENAS

DIA DO INDÍO

Indígenas lançam campanha contra estereótipos:

'Não precisamos de outras pessoas para nos definirem'

EDUARDA PIMENTA - SOCIOLOGIA E FILOSOFIA

Em 2018, o artista visual Denílson Baniwa, 35 anos, escreveu um poema sobre os estereótipos sobre indígenas usados nas escolas no Dia do Índio, comemorado no dia 19 de abril. Juntamente com a página Visibilidade Indígena, ele começou uma campanha espontânea contra atitudes como pintura facial em crianças “com canetinhas hidrocor” e cocares de papel.

“Muitas vezes algumas pessoas não reconhecem os índios como eles são atualmente, porque acham que somos como foi reproduzido nas escolas e na televisão: um índio nu, vivendo na natureza. E isso não é mais realidade. Meu poema foi para falar sobre isso, de olhar para o índio de 2019 e não mais para o de 1500”, diz Denílson, que deu entrevista ao G1.



Povos indígenas desconstróem estereótipos e afirmam suas identidades fora da aldeia

EDUARDA PIMENTA - GEOGRAFIA

Caciques, doutores, xamãs e advogados. Aldeados e urbanos. Os povos indígenas são diversos, plurais e reivindicam o reconhecimento de suas identidades. Neste 19 de abril, a figura folclórica do imaginário popular dá lugar às histórias de indígenas reais, que ocuparam a política, as universidades, a saúde e muitos outros espaços historicamente negados aos povos originários deste País. No Ceará, vivem 15 povos indígenas, espalhados por 18 municípios. São comunidades que guardam com orgulho suas manifestações culturais e tradições milenares e que lutam pelos seus territórios, costumes e tradições.

Esclarecendo erros comuns

GIOVANNA - HISTÓRIA

“Índios são todos iguais”
Há uma grande diversidade cultural e linguística entre os povos indígenas. Diferentes etnias têm diferentes culturas, crenças, hábitos, línguas e outras características. Segundo o censo de 2010, há atualmente no Brasil mais de 800 mil indígenas de 305 etnias, falantes de cerca de 200 línguas diferentes. Bororo, Karajá, Kadiwéu, Baniwa, Pataxó, Terena, Tukano, Krahô, Xavante e Yanomami são nomes de alguns desses povos. Essas são apenas algumas das etnias dos povos às vezes chamados ameríndios, índios do continente americano.

Erros comuns

GIOVANNA – HISTÓRIA

“Índios são do passado/são atrasados”

Os índios fazem parte da população brasileira do presente e também do futuro.

A história indígena é mais antiga do que a história do Brasil. Afinal, quando os portugueses invadiram o continente em 1500 os povos indígenas já habitavam esse território há milhares de anos. Cada povo indígena tem seus próprios patrimônios históricos e culturais e produz conhecimento, teorias, arte, biologia e religião próprios – que se transformam ao longo do tempo à sua maneira. Como qualquer povo, as culturas estão em estado constante de transformação. É fundamental que as crianças compreendam que o que é diferente não é melhor (avançado) ou pior (atrasado), apenas diferente.

“Índios aculturados/urbanos não são mais índios”

Todas as culturas se transformaram nos últimos quinhentos anos. Cinco séculos é bastante tempo. Mas ter hábitos diferentes dos seus pais, avós, bisavós e tataravós não quer dizer que você faz parte de outra cultura inteiramente.

PALAVRA-CHAVE

Romantismo no Brasil

Romance indianista.

MARIA EDUARDA PEREIRA- LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

No Romantismo europeu, esse papel foi exercido pela figura do cavaleiro medieval, personagem histórica da época de origem e formação das nações europeias, que desempenhou o papel de herói em obras como "Ivanhoé", do escritor escocês Walter Scott, ou "Eurico, o presbítero", do português Alexandre Herculano...

Todo dia era dia de índio Substancialmente, o Indianismo está presente em nossas obras literárias românticas, enquanto idealização e valorização do índio, e também enquanto registro ou invenção imaginária de seu modo de vida, costumes e crenças, bem como de sua linguagem. Na época, tiveram impulso os estudos da língua tupi antiga, cujos vocábulos foram a partir de então aos poucos integrando a linguagem culta do Português escrito no Brasil. Os exemplos mais evidentes e significativos desse Indianismo podem ser encontrados na poesia de Gonçalves Dias e na prosa de José de Alencar, com destaque na obra deste último para "O Guarani", "Ubirajara" e "Iracema". Mais discretamente, poré...

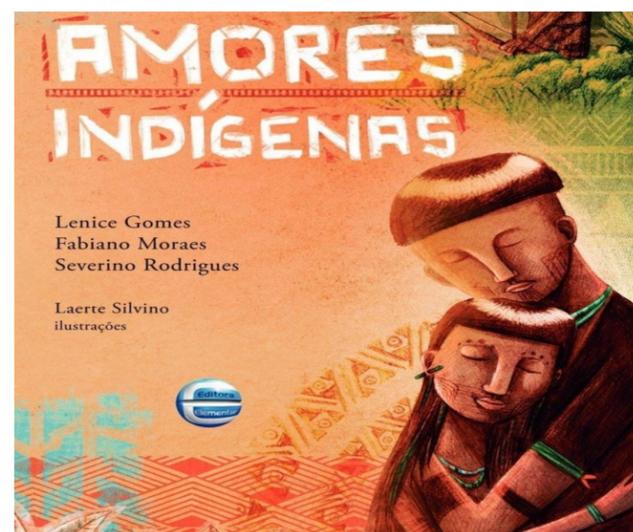


PALAVRA-CHAVE

Curiosidades quase literárias

MARIA EDUARDA PEREIRA- LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Curiosidades quase literárias Embora deva ser considerado o primeiro romancista brasileiro, Joaquim Manuel de Macedo teve alguns antecessores que não podem deixar de ser mencionados. No mínimo como curiosidade, pelas raríssimas referências a eles feitas (quando feitas), mesmo nos melhores manuais de história literária. No máximo, para esclarecer porque Macedo merece a paternidade do romance brasileiro. Ao que tudo indica, a primeira narrativa de ficção publicada no Brasil foi "Statira, e Zoroastes" (1826), de autoria de Lucas José de Alvarenga. Nela, narra-se o amor do príncipe tibetano Zoroastes pela vestal Statira. Mas, além do pequeno valor estético e de não exercer influência...



Qual é o imaginário da sociedade brasileira sobre os indígenas? A desconstrução de estereótipos sobre as populações indígenas



História

“A educação, como diz o professor Leme Britto, que tem um papel fundamental na formação de seres humanos integrais, generosos, engajados na produção de uma trajetória de cuidado, apreciação e coexistência, perpetua a imagem estereotipada do indígena.

O homem vestido de penas e cocar, com flecha e tacape, morando na oca, chefiado pelo seu cacique, plantando e comendo mandioca, vivendo “preguiçosamente” em suas aldeias à beira de rios. Pronto, deformada a imagem, a cada 19 de abril de todo ano, após rápida passagem do “índio” nos livros de história no capítulo pertinente ao “Descobrimento do Brasil”, nada mais, nada além, nada justo!

Como uma maldição típica dos contos de fada, o indígena brasileiro “retorna” ao “seu lugar” no consciente coletivo. A dor dos indígenas não dói no “homem branco”, no “brasileiro gentil”; os sonhos dos indígenas brasileiros não cabem no modelo de vida do homem branco...

Para eles, a “cultura indígena não está à altura dos museus e da sagração social”; o que pensam e sentem os indígenas brasileiros pouco ou nada importa, ainda que pisemos o mesmo solo, olhemos para as mesmas estrelas, naveguemos pelos mesmos rios de memória e nos

apropriemos de sua arte e cultura ancestrais para fazer sabonetes e/ou proporcionar aos nossos filhos de homens brancos um “Dia de Índio”, vestido como petecas, levando as mãos à boca para liberar aquele som típico do huhuhuhu que aprendemos a reconhecer como sendo o som que índio faz, assim mesmo, índio, como se os 307 povos remanescentes coubessem num “lugar” tão pequeno.

Por quê? Por que a escola reproduz este estereótipo? Por que seguimos endossando?



Resolveram nos batizar, ou melhor, nos apelidar, por essa palavrinha, que é maldita. Não só maldita no sentido da maldição, mas também no sentido do dizer mal. É uma palavra que manifesta uma determinada postura das pessoas com relação à minha pessoa. Por isso eu digo que é um apelido que nos colocaram. Não sabiam como nos chamar e disseram que nós éramos os tais dos índios, porque erraram o caminho para chegar às Índias – essa conversa que todo mundo já conhece e que acabou determinando que os habitantes dessas terras se chamariam índios. Correto? E além de ser uma história mal contada, a palavra índio(**) não significa absolutamente nada. Se vocês tiverem curiosidade de olhar num dicionário depois, vão descobrir que a primeira entrada do Aurélio, por exemplo, diz o seguinte: ‘É o elemento químico nº 49 da tabela periódica’, Daniel Munduruku

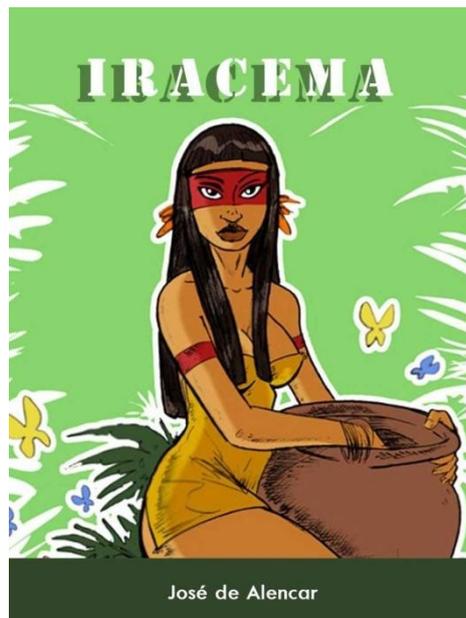
Desde os tempos do poeta maranhense **Gonçalves Dias** (1823-1864), o lado bom dessa história ruim é que cada vez mais indígenas têm se apropriado da palavra para falar de si por si mesmo.”

Fonte: <https://livedetrabalho infantil.org.br/noticias/colunas/o-indio-para-alem-dos-estereotipos-dos-livros-de-historia/>

▪Concluimos, portanto, que a população indígena com toda a sua importância na história do nosso país ainda não recebe um tratamento que de fato venha atender suas necessidades em quanto um povo único com sua cultura própria que precisa estar inserida na sociedade brasileira de forma realista e atual, como por exemplo sua inserção no mercado de trabalho, nas universidades e outras camadas sociais para que possam ter representatividade na sociedade brasileira.



Literatura / Língua Portuguesa



Iracema □ Resumo da Obra

“A história tem início quando Martim, português responsável por defender o território brasileiro de outros invasores europeus, perde-se na mata, em localidade que hoje corresponde ao litoral do Ceará. Iracema, índia tabajara que então repousava entre as árvores, assusta-se com a chegada do estranho, e dispara uma flecha contra Martim. Ele não reage à agressão por ter sido alvejado por uma mulher, e Iracema entende que feriu um inocente.

Em pacto de paz, Iracema leva o estrangeiro ferido para sua aldeia e para ter com seu pai, Araquém, o pajé da tribo. Martim é recebido com grande hospitalidade, mas sua chegada não agrada a todos: Irapuã, guerreiro tabajara apaixonado por Iracema, é o primeiro a desagradar-se.

Durante sua estadia na aldeia, Iracema e Martim aproximam-se e floresce, entre os dois, forte atração. Contudo, Iracema tem um papel importante na tribo: é uma virgem consagrada a Tupã, guardadora do segredo da jurema, um licor sagrado, que levava ao êxtase os índios tabajaras.

Entre festejos e batalhas com outras tribos — entre elas, a dos pitiguaras, aliados de Martim — Iracema e o estrangeiro português envolvem-se amorosamente, e a índia quebra o voto de castidade, o que significa uma condenação à morte. Martim, por sua vez, também é perseguido: Irapuã e seus homens querem beber seu sangue. A aliança com os pitiguaras torna-o um inimigo ainda mais indesejado.

Apaixonados, Iracema e Martim precisam fugir da aldeia tabajara antes que a tribo perceba que a virgem rompeu o voto de castidade. Juntam-se a Poti, índio pitiguara, a quem Martim tratava como irmão. Quando os tabajaras percebem a fuga, partem em perseguição aos amantes liderada por Irapuã e Caiubi, o irmão de Iracema.

Acabam por encontrar a tribo pitiguara, e uma sangrenta batalha é travada. Caiubi e Irapuã agredem violentamente Martim, e Iracema avança com ferocidade contra os dois, ferindo-os gravemente. Prevendo a derrota, a tribo tabajara bate em retirada.

O casal, então, refugia-se em uma praia deserta, onde Martim constrói uma cabana. Iracema passa muito tempo sozinha enquanto o amado fiscaliza as costas, em expedições a mando do governo português. Martim é constantemente tomado pela melancolia e nostalgia de sua terra natal, o que entristece Iracema, que passa a pensar que sua morte seria, para ele, uma libertação.

Não muito tempo depois, Iracema descobre-se grávida, mas Martim precisa partir para defender, junto a Poti, a tribo pitiguara, que está sob ataque. Iracema acaba tendo o filho sozinha, e batiza a criança de Moacir, o nascido de seu sofrimento. Ferida pelo parto e pela tristeza profunda, o leite de Iracema seca; Martim chega a tempo de Iracema entregar-lhe a criança e falecer logo em seguida.”

Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/iracema.htm>

A história da Iracema é um grande exemplo do quanto as histórias envolvendo os indígenas foram romantizadas, podemos ver isso claramente se analisarmos o fato de que naquela época seria improvável que essa história acontecesse e ainda mais que tomasse um rumo romântico. Mesmo que essas histórias sejam de grande importância para a literatura brasileira é necessário que sejam mostradas da maneira correta, Iracema é apenas um conto romântico escrito por José de Alencar em 1865 que mostra uma história amor fictícia entre uma índia e um português Mas que não data a realidade vivida naquela época em si.

Geografia



“A cultura indígena brasileira é vasta e diversificada, ao contrário do que pensa o senso comum. Os historiadores estimam que, no início do século XVI, havia quatro agrupamentos linguísticos principais: tupi-guarani, jê, caribe e aruaque. Essas famílias linguísticas compartilhavam o mesmo idioma e culturas semelhantes.

Antes da colonização, os índios que habitavam o território (hoje denominado Brasil) tinham uma cultura similar em alguns pontos, tais eram: organização social baseada no coletivismo; ausência de política, Estado e governo; ausência de moeda e de trocas mercantis; religiões politeístas baseadas em elementos da natureza; e ausência da escrita.

Apesar de vasta, a cultura indígena tem elementos comuns entre as tribos.

A visão europeia sobre os povos indígenas foi, desde a colonização, etnocêntrica, a qual considera o modo de vida indígena inferior por não conter elementos considerados, pelos europeus, símbolos de civilização e progresso. No entanto, a antropologia e a sociologia contemporâneas já desmistificaram essas análises preconceituosas, estabelecendo que as diferenças culturais entre os povos não são motivos para estabelecer-se uma hierarquia cultural.”

“Influências da cultura indígena no Brasil

Historiadores apontam que, em 1500, existiam cerca de quatro milhões de indígenas habitando as terras brasileiras. Hoje, a Funai estima que um milhão de indígenas vive no país, espalhados em 250 etnias, que, em suas aldeias, ocupam cerca de 13% do território^[1]. Essa pequena parcela ocupada somente se mantém devido à demarcação de terras indígenas.

Apesar do genocídio praticado contra os índios desde 1500 (em especial no período das bandeiras, durante a Ditadura Militar e em conflitos de terras atuais em estados, como Mato Grosso, Amazonas e Pará) e da desvalorização dos povos indígenas, o nosso país herdou inúmeros elementos da cultura indígena.

O Brasil é um país extremamente miscigenado e pluricultural. Além da influência de povos africanos, orientais e europeus, os povos indígenas deixaram elementos importantes para a nossa cultura, sobretudo em relação aos hábitos alimentares. A culinária nortista, por exemplo, é rica em elementos da cultura indígena, como a maniçoba e a utilização do tucupi em pratos típicos. Frutos como o caju e a acerola eram consumidos pelos indígenas, e os seus respectivos nomes tiveram origem nas línguas tupi. O açaí, o guaraná e a tapioca, que consumimos amplamente nos dias de hoje e são, inclusive, explorados pela indústria alimentícia, são oriundos dos hábitos alimentares indígenas.”

Fonte: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/cultura-indigena.htm>

•Vimos no texto o quanto a cultura indígena foi julgada como inferior pelos Europeus quando chegaram ao Brasil, e que apesar do genocídio praticado contra os índios tenha

apagado muitos detalhes importantes de sua cultura, o nosso país ainda traz consigo muitos elementos da cultura indígena.

Filosofia e Sociologia



“Atualmente, a população indígena autodeclarada corresponde a mais de 896 mil brasileiros (0,4% da população) em todo o território nacional. Segundo o IBGE, 36,2% desse total residentes de áreas urbanas. No entanto, ainda hoje vigora a ideia de que, para que um povo indígena seja considerado como tal, necessita se manter como nos tempos anteriores à chegada dos portugueses. Ou seja, só é “índio de verdade” se andar nu, viver em aldeia, não utilizar aparelhos eletrônicos, não estudar, dentre outras construções do senso comum. Esquecemos que, para que fossem incorporados à sociedade “civilizada” precisaram passar por um processo de apagamento étnico, por meio do abandono de suas tradições, pela conversão ao catolicismo, pela entrada forçada em um sistema de trabalho e de produção completamente distintos daqueles aos quais originalmente pertenciam.

Quem cresceu nos anos 1990 e não se lembra daquela música cantada pela Xuxa, que dizia: “vamos brincar de índio”? A música, aparentemente tão inocente e em tom de homenagem, reflete os estereótipos que estão arraigados na nossa sociedade até os dias de hoje. É o índio que vai pescar; o índio infantilizado ou não “civilizado” porque não sabia pronunciar uma língua que não era a dele, sinalizado por meio do “índio fazer barulho”.

Quanto de nós não aprendemos na escola que, durante a escravidão, o índio foi substituído pelo negro porque era preguiçoso? Existe uma imagem negativa e de sobre o indígena que o coloca como infantil, incapaz, vagabundo, etc. Isso contribui fortemente para que a população indígena continue sendo colocada à margem da sociedade, o que se reflete também no mercado de trabalho.

Estes exemplos nos ajudam a ver como paira no imaginário social que o indígena faz parte de uma categoria generalizante, que não leva em consideração as mais de 300 etnias e 274 línguas (IBGE, 2010), tradições e estruturas sociais tão ricas. Eles se transformam apenas em “índio”, como se fosse uma uniformização de tudo o que as diferentes populações indígenas são e representam para a história e construção deste país.

De acordo com o Instituto Ethos, dentre as 500 maiores empresas para se trabalhar no Brasil, nos quadros de Conselho Administrativo e Executivo, a população indígena não consta com nenhum representante. Nos cargos de Gerência e Supervisão, encontramos apenas 0,1% de indígenas representados. O maior índice de inserção está na faixa de jovens aprendizes, com

0,4%. Ao todo, os indígenas representam 1% dos trabalhadores alocados nas maiores corporações do país.

Por outro lado, comparando-se os números de indígenas ingressantes nas universidades, temos um aumento de 52,5% no ano de 2016, em comparação ao ano anterior. É importante lembrar que este ano traz uma base importante por ter sido marcado por ser o da redefinição das cotas, em que universidades estabeleceram reservas de vagas especificamente para indígenas. Um dos pontos importantes para análise sobre esses números e os estereótipos está relacionado também ao fato de que, muito embora tenha havido o aumento significativo no ingresso de indígenas nas universidades, este quadro não é proporcional quando se fala de mercado de trabalho. Se entendermos a educação como o meio principal de acesso a melhores cargos, não podemos ver isso quando falamos dessa parcela da população.

Então, é importante nos perguntarmos: a que isso se deve? Como podemos, como sociedade, estruturar mecanismos para realmente impedir que esses estereótipos não impossibilitem a empregabilidade de indígenas nos mais variados setores?”

Fonte: <https://simaigualdaderacial.com.br/site/o-dia-do-indio-estereotipos-indigenas-e-mercado-de-trabalho/>

▪ **A importância da inclusão dos indígenas na sociedade é para que eles possam se sentir pertencentes desta, tendo mais representatividade na luta por seus direitos e preservação de sua cultura como um povo pertencente da mesma.**

Biologia



“Quando se fala em problemática atual das comunidades indígenas, não se pode dizer que nasceram na atualidade, mas sim que são resquícios de problemas que nasceram ainda na colonização, nos primeiros séculos do “descobrimento” do Brasil.

Os principais problemas que as comunidades indígenas enfrentam hoje são a consequência daqueles que surgiram há anos. Nos dias atuais há problemas como a miséria, o alcoolismo, o suicídio, a violência interpessoal, que afetam consideravelmente essa população.

Além do processo de colonização, conforme Eliane Potiguara, houve no Brasil o processo de Neocolonização, que foi o período em que o interior do Brasil passou a ser ocupado, acabando de inúmeras formas com as comunidades indígenas, período este que foi até em meados do século XX.

Assim, houve intromissão de inúmeros segmentos, como as madeireiras, os garimpeiros, latifundiários, mineradoras, hidrelétricas, rodovias, entre outros. De acordo com a autora, esta intromissão “causou nas últimas décadas o desmatamento, o assoreamento de rios, a poluição ambiental e a diminuição da diversidade local, trazendo as enfermidades, a fome e o empobrecimento compulsório da população indígena.”

Vamos ver a seguir os problemas que estes povos enfrentam, com enfoque na questão fundiária e na relação do índio com a natureza.

Degradação do meio ambiente e a relação com os problemas das comunidades indígenas O século XX foi marcado pela industrialização global, porém as industrializações foram feitas de forma desenfreada, com o intuito de lucro imediato, sem pensar em proteger o meio ambiente, posto que ainda não havia a conscientização ambiental.

Além dos fatores de degradação ambiental que ocorria em todo o mundo gerado pelo desenvolvimento econômico e industrial das grandes cidades, o interior do Brasil, que ainda tinha suas florestas nativas intactas, passou a ser povoado a fim de iniciar o processo de plantio e agropecuária das regiões Norte, Centro Oeste, Sul e Sudeste do País, sendo que as comunidades indígenas que ainda não tinham sido “descobertas” passaram a ser desbravadas neste processo de Neocolonização.

A partir de então, as aldeias passaram a ter seu espaço reduzido e os problemas aumentaram. A Amazônia, como explica Leonardo Boff, principalmente durante o Regime Militar, entre as décadas de 70 e 80, passou a ser povoada, por conta do lema “terra sem homens para homens sem terra”. Entretanto, este povoamento foi realizado sem nenhum controle ambiental. Hidrelétricas, rodovias e a agropecuária passaram a ser desenvolvidas, desmatando as florestas e matando indígenas.

Da mesma forma, Paulo de Bessa Antunes explica que: Os graves problemas fundiários existentes no Brasil, igualmente, não podem ser solucionados sem que se resolvam os problemas relativos às terras indígenas. Assim, a expansão da fronteira agrícola verificada na década de 70 do século XX e a construção de diversas rodovias, tais como a Transamazônica, implicaram o deslocamento de inúmeros povos indígenas das terras que tradicionalmente ocupavam, ou mesmo a invasão das terras indígenas por colonos originários das mais diferentes regiões do país.

Não eram somente os indígenas da Amazônia que sentiam os problemas gerados pela degradação do meio ambiente. Eles eram sentidos em todo o território nacional, devido à exploração das matas nativas, da construção de hidrelétricas e da construção de rodovias, que serão estudados a seguir.

Construção de rodovias e hidrelétricas

O período que antecedeu a criação do SPI, até meados do século XX, continuou sendo de bruto massacre contra os indígenas. No entanto, estes massacres eram em decorrência do desenvolvimento do país, das construções de hidrelétricas e rodovias, bem como do avanço da agropecuária.

O antropólogo Sílvio Coelho dos Santos relata alguns destes fatos, como a construção da estrada de ferro noroeste do Brasil, em São Paulo, em que a população indígena da etnia Kaingang foi praticamente dizimada. Nesse local, os trabalhadores “brincavam de passarinhar” índios, ou seja, matavam os índios da mesma forma em que se caçavam pássaros.

Da mesma forma, o antropólogo relata fatos ocorridos nas construções de hidrelétricas, como no caso dos indígenas da reserva de Ibirama, localizada no Vale do Itajaí em Santa Catarina,

em que a construção da usina ocasionou diversos problemas à comunidade indígena, pelo fato de terem sido inundadas suas terras e não ter sido feito nenhum projeto preventivo para eles.

Silvio Coelho dos Santos explica: “Logo que aconteceram as primeiras enchentes, os Índios de Ibirama tiveram prejuízos concretos. Roças foram inundadas; casas destruídas; currais e depósitos carregados pelas águas; animais mortos. As reclamações começaram a ser feitas, as primeiras indenizações dos prejuízos causados começaram a se concretizar. Entretanto, nenhum trabalho esclarecedor procedeu essa entrega de recursos. Resultado: em poucos meses os indígenas haviam repassado os ganhos da indenização para o comércio de Ibirama.(...) Em decorrência da falta de planejamento e da inépcia administrativa, a população indígena de Ibirama abandonou quase que totalmente as práticas agrícolas e a pequena criação. A depredação de recursos florestais é enorme.”

O empreendimento acarretou em inúmeros problemas para a população indígena de Ibirama, tendo em vista que eles perderam parte de sua terra produtiva, perdendo então sua subsistência, necessitando do comércio local para sobreviver. Não tendo eles conhecimento sobre o dinheiro, acabaram perdendo em poucos meses todo o dinheiro recebido na indenização em compra de alimentos. Além deste fato, como o local era rico em biodiversidade, diversos madeireiros da região passaram a agredi-lo, gerando grande devastação da área, sendo que o lucro que os madeireiros receberam muitas vezes não era repassado aos indígenas e, quando o era, o valor era irrisório.

O fato ocorreu no início da década de 80. Todavia, as consequências ainda são vistas na atualidade. Os indígenas vivem na miserabilidade, necessitando de políticas públicas assistencialistas para a sobrevivência, ocasionando, assim, outras consequências, como o alcoolismo e a prática de delitos.

Caso parecido com esse ocorreu em 2002, na construção da hidrelétrica na cidade de Minaçu, em Goiás, onde parte das terras dos índios da etnia Avá-Canoeiro foi inundada e “as áreas utilizadas pela tribo para cultivo, assim como a vegetação, cachoeiras e outras barreiras naturais, ficaram submersas”. Em relação às rodovias, uma das mais dramáticas histórias foi a da rodovia que liga a cidade de Cuiabá, capital do estado do Mato Grosso, à cidade de Santarém, no estado do Pará, a BR-163, conhecida como rodovia Transamazônica, uma das mais extensas do país. Ela foi construída durante o Regime Militar. Como conta o Coronel Severo em reportagem feita pelo Jornal Nacional, durante o período da construção os caminhões traziam a mensagem “integrar para não entregar a Amazônia”. Isto porque, naquela região, viviam índios Panarás, que nunca tinham sido contatados. Desta forma, acreditava-se que era necessário integrá-los à Comunhão Nacional para que o Brasil não perdesse a Floresta Amazônica. Graças ao trabalho dos irmãos Villas Bôas, durante os contatos não houve conflitos, mas por conta das doenças que os homens brancos transmitiram aos indígenas, mais precisamente o sarampo, dois anos depois havia somente 82 índios Panarás naquela região.

Além dos problemas causados durante a construção das rodovias, hoje o principal problema é a questão de haver estradas que “cortam” as aldeias, trazendo diversos problemas dos “não índios” para dentro da comunidade, além de haver vários atropelamentos dentro das aldeias.

Conclui-se então que o desenvolvimento do país com a construção de hidrelétricas e de rodovias gerou diversos problemas às comunidades indígenas.

Intensificação da Agropecuária

Também durante o Regime Militar, na fase do “progresso” do Brasil, as regiões aldeadas por índios passaram a ser povoadas por fazendeiros, a fim de intensificar a agropecuária.

O sociólogo Octavio Ianni analisa, em sua obra “Ditadura e Agricultura”, o desenvolvimento do País durante este período e os prejuízos causados na Floresta Amazônica no período de expansão capitalista, bem como os prejuízos causados às Comunidades Indígenas neste período na região amazônica.

As terras tribais eram praticamente todas as terras da região. Depois, pouco a pouco, ou com rápida violência, os indígenas foram sendo rechaçados de suas terras. A catequese, a evangelização, o extrativismo, a pecuária, a agricultura sob as mais diferentes formas, estenderam a sociedade e a comunhão nacionais pelas terras, comunidades e culturas indígenas.

Assim como Octavio Ianni, Leonardo Boff também faz críticas ao processo de intensificação da agropecuária na Amazônia durante o regime militar, em que conclui que “as maiores vítimas da penetração de relação de exploração das riquezas da Amazônia foram, entretanto, os indígenas”.

Assim como ocorreu durante o regime militar nas comunidades indígenas da Amazônia, Friedl Paz Grünberg explica que no Estado do Mato Grosso do Sul, com os indígenas Guarani, ocorreu o mesmo. Várias aldeias guarani foram, com o tempo, perdendo espaço para os grandes latifundiários: As atividades de desmatamento começaram a ser executadas de forma cada vez mais intensa nos anos 70 e 80 do século passado. O comércio de madeira foi a atividade mais importante, o grande negócio que hoje latifundiários e madeireiros desejariam possuir. Com exceção de plantios de milho e de soja, hoje em dia nesta região predomina a criação de gado bovino. Para isso foram semeadas, nas áreas desmatadas, os capins africanos do gênero brachiária para pasto, que é extremamente agressivo e se espalha facilmente sobre cada pedacinho livre de terra, e que se espalhou, também, sobre a superfície de cultivo dos Guarani.

Este fato demonstra que a pecuária também prejudicou as comunidades indígenas, tendo em vista que os pastos atingiram o cultivo dos indígenas, como explicado pelo citado autor.

Indígena em relação harmoniosa com a natureza

Dos estudos de que se têm notícia, colhe-se o ensinamento de que o indígena sempre teve uma relação harmoniosa com a natureza, como já explicado por Rousseau e Luiz Donizete Grupioni. Nesse mesmo sentido, a consultora da Universidade Pedagógica Nacional do México, Maritza Gómez Muñoz, que conviveu com indígenas dos Altos Chiapas, concluiu que o indígena valoriza o saber comunitário e a natureza, a chamada “mãe terra”. Em um de seus estudos, aliados à análise antropológica e à convivência junto aos Maya-Tzeltal, relata que: No cultivo, o homem os faz irmãos. O milharal representa o espaço potencial da nutrição; no cultivo estão implícitos os saberes do alimento da memória ancestral. Os saberes que surgem dessa convivência cotidiana referem-se não só ao cultivo; vai sendo estruturada uma noção de si mesmo originada na tarefa e nas atividades e disposições requeridas para a aprendizagem do saber cultivar. Entre os diversos traços e emoções implicados no desempenho está um longo tempo dedicado ao silêncio e ao sofrimento. A existência fica impregnada de ‘força vital’ através do cultivo como saber sagrado. Para saber cultivar, é necessário o respeito à ‘mãe terra’ e o cuidado.

Seu relato explicita quão importante é a terra para o indígena. E justamente por adorarem a terra, a protegem, uma vez que estes povos contam, na prática, somente com os recursos ambientais bióticos e abióticos para realizar suas necessidades de subsistência. Sua cultura, com relação às atividades agrícolas, por exemplo, não está voltada para o consumo de bens de mercado, como adubos ou implementos agrícolas. Por conseguinte, não faz parte dos costumes e hábitos indígenas esse tipo de relação com o mercado, pois vivem uma realidade própria, diversa da do homem ocidental comum.

Os indígenas, assim como as ditas comunidades tradicionais, respeitam o meio ambiente, visto que ele é o meio de vida deles. Sua sobrevivência é diretamente dependente da conservação da natureza. Em reportagem realizada por Anthony Anderson e Darrell Posey, em 1987, publicada na revista “Ciência Hoje”, foi abordada pesquisa sobre o reflorestamento feito por índios Kayapós, no sul do Pará. Desta pesquisa, concluiu-se que é possível cultivar a terra sem prejuízo do ecossistema, pelo recurso e técnicas de manejo que, ao contrário das usualmente empregada por nós, respeitam as características básicas das áreas manejadas e fomentam a diversidade que lhes é própria.

Essa pesquisa mais uma vez demonstra o conhecimento que essas populações têm ao manejar o meio ambiente, manejo este que não compromete o ecossistema e acaba beneficiando o solo.

Conforme os estudos de Leonardo Boff acerca a Floresta Amazônica, as comunidades indígenas desenvolveram grande manejo de floresta, todavia respeitando a singularidade de cada espécie, não destruindo a natureza. Conclui que “ser humano e floresta evoluíram juntos numa profunda reciprocidade”, ficando demonstrado o respeito do indígena para com a natureza.

Nestes termos, Paulo de Bessa Antunes ressalta que: Outro aspecto extremamente importante a ser observado é o da íntima relação entre os povos indígenas e a preservação do meio ambiente e a ecologia. Os povos indígenas são, dentre todos, aqueles cujas formas de vida guardam maior proximidade com a natureza e o meio ambiente. A preservação do meio ambiente é uma condição fundamental para a reprodução da vida, nos moldes tradicionais, nas comunidades indígenas. Há que se considerar então que existe relação de respeito entre o índio e a natureza, podendo-se afirmar que o índio, para sua sobrevivência, dentro dos métodos tradicionais, não agride o meio ambiente, como faz o homem que vive na sociedade hegemônica.

Privação do uso da Terra

Como estudado, a terra para o indígena é o seu meio de sobrevivência. Sem ela não há vida. Conforme estudo acerca da situação dos índios da etnia Guarani, do Mato Grosso do Sul, realizada por Friedl Paz Grünberg, conclui-se que a principal fonte das problemáticas destes índios é a perda da terra, das florestas: O prejuízo advindo da perda da floresta vai muito além do componente econômico. Para os Guarani a floresta com seus campos naturais era "tudo o que contava", era tudo o que conheciam do mundo, era o seu mundo.

Domesticar a floresta com seus perigos era a oportunidade que tinham os homens para desenvolver sua personalidade e para obter prestígio. A comunicação vital com os animais e com os espíritos da floresta permitia-lhes desenvolver sua rica vida espiritual. Tudo isto está irremediavelmente perdido, pois com a perda da floresta também se perderam, quase ao mesmo tempo, os saberes a ela relacionados e a prática da convivência vital com as plantas e os animais. Hoje há diversos problemas de ordem social ocasionados pela falta de terra, acarretando em falta de produtividade. Além da falta de terra, muitas aldeias estão em áreas em que não há solo fértil, tampouco caça e pesca, ou então, estão em áreas que não podem ser cultivadas, como era o caso da Aldeia Araçá-Í, localizada no município de Piraquara, Região Metropolitana de Curitiba, tendo em vista que ela está inserida em área de preservação ambiental da SANEPAR (Companhia de Saneamento do Paraná), não podendo ser mantida agricultura neste local. Por isso, desde o ano de 2000, data em que passaram a viver neste local, recebem cestas básicas do governo.

No entanto, no caso da Aldeia Araçá-Í, o Ministério Público do Estado do Paraná realizou Termo de Ajustamento de Conduta com a SANEPAR garantindo um espaço para que a população desta aldeia possa cultivar alimentos para subsistência. Ocorre que, em outros casos, esta forma de solução não foi tomada, tendo os indígenas como única forma de subsistência a arrecadação de cestas básicas de entidades governamentais e não governamentais.

Políticas assistencialistas

Como forma de diminuir as desigualdades sociais entre os “homens brancos” e os indígenas, o País adotou a política assistencialista. O Estado fornece suprimentos aos indígenas, como doação de cestas básicas, sem se preocupar com a autossustentabilidade do indígena, o que prejudica a qualidade de vida destes povos.

Marcos Terena, indígena e coordenador de defesa dos direitos indígenas da ONU, enfatiza que a falta de terras faz com que o índio produza menos, fazendo com que dependa do Estado e conclui que: “essa política assistencialista, de doação de cestas básicas, adotada por alguns governos, não melhora a qualidade de vida e sim aumenta a dependência. Além disso, colabora para que estas injustiças se perpetuem.” Verifica-se que a maioria das aldeias não são autossuficientes, necessitando então de políticas públicas assistencialistas para a sobrevivência.””

Fonte: <https://www.mundovestibular.com.br/estudos/historia/comunidades-indigenas-e-os-problemas-atuais/>

▪É importante pensar que o povo indígena passa por dificuldades de se manter em seu próprio território até hoje, tendo cada vez mais suas terras invadidas por conta dos agronegócios e dos desenvolvimentos urbanos intensivos que atendem apenas os interesses comerciais e não se importam com as reservas indígenas que são extremamente prejudicadas com esses processos. Esse é um problema que precisa ser discutido e repensado para que haja mais respeito e direitos para os indígenas que são os primeiros habitantes dessas terras.

Espanhol



Indios urbanos: buscando las raíces lejos de la naturaleza

“No existirá indio en el siglo XXI. La idea de congelar al hombre en el estado primario de su evolución es, en verdad, cruel e hipócrita”, afirmó el exministro brasileño de Ciencia y Tecnología, Hélio Jaguaribe, frente a un grupo de militares el 30 de agosto de 1994. No era consciente de cuanto se equivocaba.

A día de hoy existen en Brasil más de 800.000 indígenas, según el [último censo](#) del Instituto Brasileño de Geografía y Estadística (IBGE) correspondiente al año 2010. El 38,5% ya [vive en la gran ciudad](#), principalmente, en Sao Paulo, pero también en Manaus, Boa Vista o Rio de Janeiro. Este constituye su último desafío: adaptarse y sobrevivir entre toneladas de asfalto.

Hace exactamente 24 años que el indio Xamakiry, nacido en el municipio amazónico de Boca de Acre, llegó a Rio de Janeiro. Una vez allí comenzó a ser conocido como Afonso Apurinã, o sea, con su nombre en portugués seguido de la etnia a la que pertenece. “Yo vine en busca de un sueño. Cuando era pequeño mi madre fue a la ciudad y vio por primera vez la televisión: una cajita en la que cabían las personas. Eso despertó mi curiosidad y pensé que un día yo quería estar ahí dentro”, recuerda con la ilusión de un niño que aún no ha crecido.

De delirios de grandeza a lucha activista, con el paso de los años Apurinã dejó la grabación de anuncios y los estudios *Globo* para dedicarse a la causa indígena. Partícipe del movimiento [Aldeia Maracanã](#), experimentó en sus propias carnes la dificultad de ser indio en una gran metrópoli: “Muchos indígenas llegan a Rio de Janeiro y no tienen un lugar al que dirigirse. Comenzamos así [una lucha](#) para transformar el antiguo Museo del Indio en punto de encuentro y centro de referencia de los pueblos indígenas”.

Pero mudarse a una gran urbe no se traduce únicamente en una falta de *hogar* o de *refugio*, sino que en el caso de los indios urbanos va mucho más allá. “Para vivir aquí dejé mi tradición de vida y mudé, fui obligado a mudar para no ser objeto de mofa o el payaso de nadie. Fui cambiando mi manera de hablar y olvidando mis raíces para no pasar vergüenza a toda hora”, reconoce con tristeza Apurinã.

“Adaptarse para sobrevivir”, nos susurra Darwin al oído. Eso es lo que los más de 300.000 indios urbanos hacen cada día en las diferentes ciudades brasileñas. Se vuelve normal tener que buscar espacios lícitos donde hacer fuego para sus rituales, no saber dónde pescar, no poder bañarse desnudos en las cascadas o ríos, etc. “La relación del indio con la naturaleza es umbilical. Se trata de una relación de cura. Nuestro psicólogo es el bosque, por eso muchos no aguantan quedarse por aquí”, explica la india ZawaraHu, conocida también como Carolina Potiguara.

Nacida en Rio de Janeiro, sus abuelos emigraron de Paraíba en los años setenta en busca de trabajo. Una vez aquí, su abuela trabajó durante muchos años de lavandera. Cualquier cosa era mejor que la pobreza asfixiante del nordeste brasileño. Hace un año que no vuelve a su aldea, y cuando recuerda “la libertad perdida” de nadar en aguas cristalinas bajo un sol brillante, sus ojos se llenan de lágrimas.

Para los pueblos indígenas supone un gran desafío restringir su contacto con la tierra, que era suya y en la que son maltratados desde hace más de 500 años. En los inicios de la colonización fue la mano de obra indígena la que mantuvo la industria azucarera, al igual que el ganado y los servicios domésticos; mano de obra que se convertiría en fuerza esclava a mediados del siglo XVI.

Tener esclavos indios era una cuestión de prestigio y riqueza. Personas-objeto tratadas igual que *Los nadies* de Eduardo Galeano: “Que no son seres humanos, sino recursos humanos; que no tienen cara, sino brazos; que no tienen nombre, sino número”. La transición del Brasil colonial al Brasil Imperio y República apenas alteró ese *status quo* de abuso y explotación inhumanos.

Con la llegada de la dictadura militar (1964) lo hicieron también proyectos megalómanos como la construcción de varias hidroeléctricas o la gigantesca carretera Transamazónica. Obras faraónicas que una vez más [expulsaron a millares de indígenas](#) de sus tierras, mientras que quienes ofrecieron resistencia fueron masacrados en nombre del “progreso”.

Prejuicios perennes

Lo cierto es que las migraciones indígenas de la aldea a la gran ciudad no son algo reciente. Ocurren desde mediados del siglo XX, cuando en las décadas cincuenta y setenta, una primera ola de mano de obra llega a la metrópoli para trabajar en la construcción civil. Posteriormente, en los noventa, tras la Constitución de 1988 y la ampliación de la red de enseñanza, esa migración se vuelve mayoritariamente universitaria, con la presencia de colectivos que se ganan la vida en presentaciones artísticas y rituales.

Con todo, en las últimas dos décadas, la diferencia entre zona rural y urbana se ha vuelto mínima tanto en el sentido migratorio como de interacción entre ambas. Con algunas grandes excepciones en el norte de Brasil, la mayoría de las comunidades indígenas se encuentran bastante urbanizadas y ya hacen frontera o forman parte de ciudades medias, como es el caso de la tribu Tupi-Guaraní de Maricá.

No obstante, pese a que la convivencia del indio en la ciudad es un hecho histórico, el recelo contra su persona no se ha apaciguado con el paso del tiempo. “Existe una doble figura de prejuicio: en los años cincuenta era la invisibilidad de no poder decir que se es indio para no sufrir discriminación, por lo que muchos se hacían pasar por nordestinos, caboclos... y ya en los noventa, se trata de la negación de su identidad indígena por el hecho de no vivir más en la aldea ni tener fenotipo de indio”, matiza el antropólogo social Marcos Albuquerque.

El prejuicio contra el indio urbano muda de piel, pero que no desaparece. X'mayá Kaká Fulni-ô, indígena pernambucano, lo sabe muy bien. Trabaja desde hace 11 años como guía en el [Museo del Indio de Rio de Janeiro](#). Y reconoce que cuando las personas deparan con él su mirada es “asustada”. Además, rápidamente lo tachan de “loco” por sus grandes dilataciones, collares y las pinturas que decoran su cuerpo.

Él es el único indio que trabaja en este museo localizado en el barrio de Botafogo. Indio Fulni-ô convive con su tribu, de aproximadamente 6.200 indios, unos tres meses al año. El resto del tiempo lo pasa en Rio de Janeiro, contento de trabajar para un organismo que cuenta a los ciudadanos parte de su cultura e historia, que es compartida por todo el pueblo brasileño.

“La cuestión es muy complicada: vivir en un lugar en el que no eres aceptado. La sociedad de las grandes capitales ignora la diferencia. Cuando las personas aprendan a convivir con ella serán más humanas, mientras tanto, seguirán siendo los mismos ignorantes de siempre. Nadie es igual a nadie, cada uno tiene su modo de pensar y de vivir”, reflexiona sin miedo frente a la cámara.

Como él, son muchos los indios que de una forma u otra se sienten disminuidos en la urbe, obligados a renunciar a su ancestral naturaleza, a su modo de vida. “¿Cuál es mi verdadera identidad? Para estar aquí tengo que dejar de ser quien soy, pero no me gusta la persona que ellos quieren que sea”, coincide Apurinã; “varias veces me senté en las calles de Rio y lloré, lloré de verdad, preguntándome qué estaba haciendo aquí. Pero tenía un objetivo: probar a mí mismo y a todos los demás que el indio es capaz”

Fonte: https://elpais.com/elpais/2015/10/22/planeta_futuro/1445509265_732696.html

Alunos: Eduarda Fonseca, Caroline Coelho, Beatriz de
Castro Lopes e Mariana de Castro Lopes
T: 201

Em Primeira Mão

Notícias Economia Esporte Finanças Política TV Famosos Empregos

Décima edição

Dia 22/05/2021

Enzo Baião, Julia Tardin, Manuela Moraes e Maria Eduarda Paiva



Qual é o imaginário da sociedade brasileira sobre os indígenas? A desconstrução de estereótipos sobre as populações indígenas.

As questões históricas de estereotipação dos indígenas

Matéria: História

Escritora: Julia Tardin

Indígenas lançaram uma campanha contra estereótipos para o Dia do Índio: “Não precisamos de outras pessoas para nos definirem”



” Até a década de 70, 80, os índios eram vistos como pessoas que precisavam de tutela e não tinham capacidade de se defender. E hoje buscamos falar isso: que estamos vivos, que temos poder de voz, temos conhecimento e somos capazes de decidir sobre nossa própria existência no mundo sem precisar de outras pessoas para nos definirem ou

falarem por nós “ - Denilson Baniwa.

Em 2018, o artista visual Denilson Baniwa, 35 anos, escreveu um poema sobre os estereótipos sobre indígenas usados nas escolas no Dia do Índio, comemorado no dia 19 de abril. Juntamente com a página Visibilidade Indígena, ele começou uma campanha espontânea contra atitudes como pintura facial em crianças “com canetinhas hidrocor” e cocares de papel.

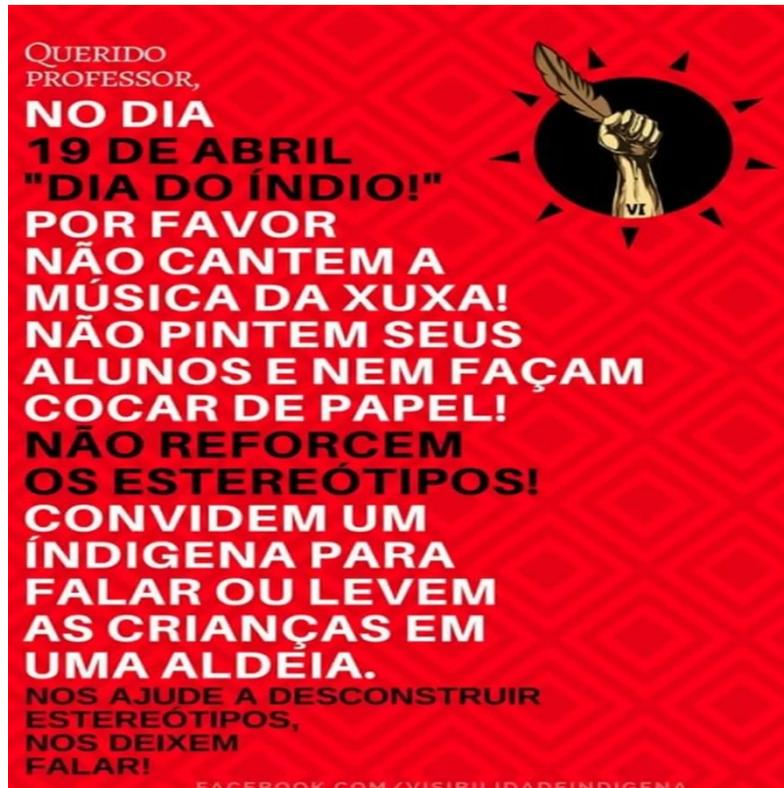
Denilson disse: “Muitas vezes algumas pessoas não reconhecem os índios como eles são atualmente, porque acham que somos como foi reproduzido nas escolas e na televisão: um índio nu, vivendo na natureza. E isso não é mais realidade. Meu poema foi para falar sobre isso, de olhar para o índio de 2019 e não mais para o de 1500 [...] Meu trabalho tem uma coisa voltada para a antropofagia, então eu pego signos modernos da arte e transformo de maneira antropofágica”, explica.



“Índio hoje é uma pessoa que vive no mundo atual, se apropriou da tecnologia e busca equipamentos para defender sua cultura”

A escola sempre reforçou o estereótipo do índiozinho pelado e selvagem. As crianças recebiam um desenho do índio que só usava uma folhinha pra cobrir as genitais, pintavam os desenhos e batiam na boca.

Então é importante que a escola mostre a verdadeira realidade para essas crianças, falando da diversidade e da importância deles. Uma forma de mostrar isso, é levando indígenas para escola, para contar a história deles e que não forcem estereótipos.



Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/04/19/indigenas-lancam-campanha-contr-estereotipos-para-o-dia-do-indio-nao-precisamos-de-outras-pessoas-para-nos-definirem.ghtml>

Estereotipos Mediáticos de los Indígenas

Matéria: Espanhol

Escritoras: Manuela Moraes e Julia Tardin



Aunque los grupos indígenas de la población mexicana han sido estudiados desde diversas disciplinas, son escasos los trabajos que analicen su representación mediática o la percepción pública que se tiene de este colectivo. Por tal motivo, se realizó una investigación basada en la teoría del cultivo y consistente en un análisis de contenido de programas de televisión local emitidos en Nuevo

León durante los meses de junio y julio de 2009. En total se analizaron 46 personajes, 31 de grupos étnicos

indígenas y el resto que no pertenecían a ninguna etnia. Los resultados mostraron que se estereotipa y discrimina al personaje indígena, ubicándolo en una posición inferior y al servicio de otros. Además lo presentan con características físicas muy marcadas que crean una amplia diferenciación con los otros personajes, pero al mismo tiempo con una caracterización interna neutra que no presenta una clara distinción entre las diversas etnias indígenas.

Fonte: http://eprints.uanl.mx/9586/1/Maranon_Muniz_2012.pdf

Questões Ecológicas relacionadas aos rituais antigos dos indígenas

Matéria: Biologia

Escritor: Enzo Baião

A comunidade indígena, tem uma forte relação com o meio ambiente, e é através dele que tiram sua subsistência, cultivando a terra e, assim também, a suas tradições, a fim de manter seus costumes e suas heranças, para as futuras gerações.



As etnias indígenas sempre viveram em perfeito equilíbrio com o ecossistema, o que foi quebrado a partir das influências do elemento desestabilizador, "o homem branco". Fruto da colonização, a exploração desordenada abalou indiscriminadamente muitas regiões brasileiras. Desapareceu as riquezas do solo, subsolo, florestas, rios e o índio acabou sendo levado a um processo de desaparecimento. As concepções indígenas de "natureza" variam bastante, pois cada povo tem um modo particular de conceber o meio ambiente e de compreender as relações que estabelece com ela. Porém, a ideia de que o "mundo natural" é antes de tudo uma ampla rede de inter-relações entre agentes, sejam eles humanos ou não, é comum a todos eles. Isto significa dizer que os homens estão sempre interagindo com a "natureza" e que esta não é jamais intocada.

A professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Thereza Martha Borges Bressotti, disse que "Para os índios, o ritual é um banquete dos espíritos, os donos dos recursos naturais. Eles usam adornos feitos com restos da vegetação e imitam os animais. Em um dos rituais dos Bororos, a onça é a ponte entre o homem e o mundo espiritual".

Essa relação afetuosa que os povos indígenas estabelecem com a natureza faz com que a maioria mantenha uma relação mais próxima e sagrada, como se a Terra fosse a grande mãe, uma dádiva, uma



parte integrante da vida em sociedade. Bem diferente da relação dos não indígenas, quase sempre marcada pela dominação do meio ambiente.

Fonte:

<https://www.gazetadigital.com.br/suplementos/natureza/povos-indigenas-mantem-relacao-afetuosa-com-a-natureza/271977>

As questões geográficas de estereotipação dos indígenas

Matéria: Geografia

Escritora: Maria Eduarda Paiva

Há hoje, dentro do imaginário atual da sociedade brasileira, certo estereótipo da definição sobre “quem é” e “quem não é” índio. Esse estereótipo, surgido nos tempos coloniais e foi reforçado ao longo da história, que o índio carrega consigo uma concepção na qual alguns de seus traços culturais foram selecionados pela sociedade nacional como verdadeiros do ser indígena. Tais traços, identificam como índio apenas aquele indivíduo que mora em aldeia e que se parece, nas suas representações estéticas, com um índio de tempos passados.

Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-indio-na-metropole/>



Há muito tempo, a Floresta Amazônica deixou de ser o lar de milhares de indígenas. A escassez de alimentos, o desmatamento e o avanço das cidades sobre as matas são alguns fatores que motivaram povos tradicionais a migrar para áreas urbanas. Por incrível que pareça, de acordo com o Censo 2010 do IBGE, mais de 324 mil indígenas vivem em áreas urbanas no Brasil. A natureza da inserção do índio nas áreas urbanas pode ser entendida por duas razões. A primeira envolve as terras indígenas que acabaram sendo inseridas na região metropolitana devido ao crescimento da cidade, como já citado acima o caso da Floresta Amazônica. A segunda diz respeito à migração de membros de povos indígenas de outras regiões do país para os grandes centros urbanos em busca de melhores condições de vida.

Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-04/indigenas-na-cidade-pobreza-e-preconceito-marcam-condicao-de-vida>



Muitos vão para as cidades em busca de melhores condições de vida, mas a maioria dos indígenas vive em situação de pobreza, tem dificuldade de conseguir emprego e a principal renda vem do artesanato.

As questões sociais de estereotipação dos indígenas

Matérias: Sociologia e Filosofia

Escritora: Manuela Moraes

Há uma grande diversidade cultural e linguística entre os povos indígenas. Diferentes etnias têm diferentes culturas, crenças, hábitos, línguas e outras características. Segundo o censo de 2010, há atualmente no Brasil mais de 800 mil indígenas de 305 etnias, falantes de cerca de 200 línguas diferentes. [...] A história indígena é mais antiga do que a história do Brasil. Afinal, quando os portugueses invadiram o continente em 1500 os povos indígenas já habitavam esse território há milhares de anos.



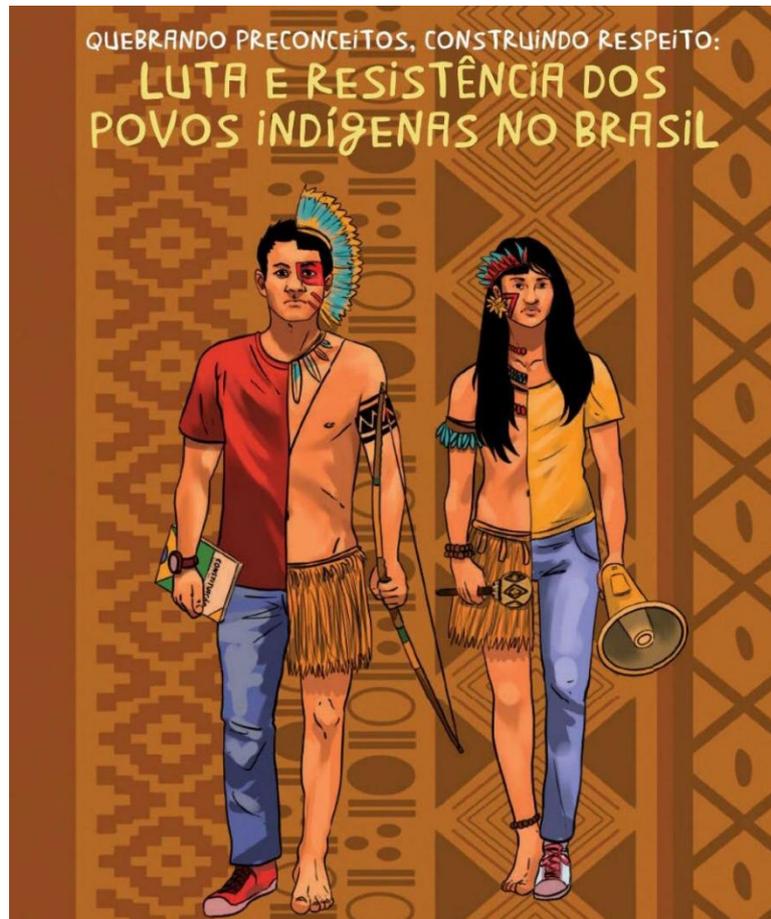
Cada povo indígena tem seus próprios patrimônios históricos e culturais e produz conhecimento, teorias, arte, biologia e religião próprios – que se transformam ao longo do tempo à sua maneira. Como qualquer povo, as culturas estão em estado constante de transformação. É fundamental que as crianças compreendam que o que é diferente não é melhor ou pior, apenas diferente.

<https://www.youtube.com/watch?v=uuzTSTmIaUc>

Fonte: <https://labedu.org.br/dia-do-indio-como-desbancar-estereotipos-e-preconceitos-com-as-criancas/>

Ainda hoje vigora a ideia de que, para que um povo indígena seja considerado como tal, necessita se manter como nos tempos anteriores à chegada dos portugueses. Portanto, só é “índio de verdade” se andar nu, viver em aldeia, não utilizar aparelhos eletrônicos, não estudar, dentre outras construções do senso comum. Esquecemos que, para que fossem incorporados à sociedade “civilizada” precisaram passar por um processo de apagamento étnico, por meio do abandono de suas tradições, pela conversão ao catolicismo, pela entrada forçada em um sistema de trabalho e de produção completamente distintos daqueles aos quais originalmente pertenciam.

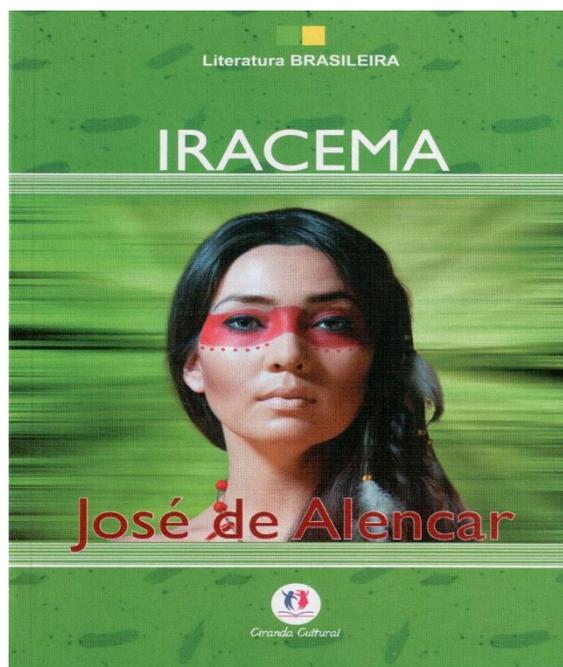
Fonte: <https://simaigualdaderacial.com.br/site/o-dia-do-indio-estereotipos-indigenas-e-mercado-de-trabalho/>



Uma seção literária do livro Iracema, de José de Alencar

Matérias: Literatura e Língua Portuguesa

Escritores: Enzo Baião e Maria Eduarda Paiva



Iracema, ícone do indianismo romântico, teve sua primeira publicação em 1865 e figura até hoje entre as principais obras literárias brasileiras. De autoria de José de Alencar, cujo projeto artístico envolvia a consolidação de uma cultura nacional, *Iracema* é uma narrativa de fundação, ou seja, seu eixo temático principal versa sobre a criação de uma identidade cultural, um texto que se orienta para representar a origem da nacionalidade brasileira.

Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/iracema.htm>

Resumo da história: Narra a história de um amor improvável entre uma índia e um colonizador português, no início do processo de colonização efetiva da costa brasileiro, no século XVII. Desse amor nasceria o primeiro mestiço, símbolo de uma nova raça que seria o povo brasileiro.

Iracema é uma índia da nação Tabajara. Ela é filha do pajé da tribo (Araquém) e está prometida como esposa ao chefe guerreiro (Irapuã). A moça também é detentora do segredo da Jurema. Ela produz uma bebida alucinógena que é dada aos guerreiros em rituais específicos. Este segredo está condicionado à sua virgindade. Ela não pode se entregar a nenhum homem antes de passar a outra virgem o segredo de fabricação dessa bebida.



A história é narrada em terceira pessoa, ou seja, possui um narrador externo onisciente. O primeiro capítulo mostra a conclusão da história, com o Martim partindo da costa cearense levando consigo o filho que tivera. A história de amor da índia com o português será contada, em progressão cronológica, a partir do segundo capítulo. A técnica narrativa mais importante dessa obra é o uso intenso do que a crítica chama de **prosa poética**. Embora a narrativa esteja estruturada em forma de prosa, ela possui ritmo, musicalidade e linguagem próprias da poesia. Dessa forma, o livro une a beleza estética e sonora da poesia com os elementos típicos da narrativa, como enredo e personagens.

Fonte: <https://geekiegames.geekie.com.br/blog/resumo-iracema/#:~:text=Narra%20a%20hist%C3%B3ria%20de%20um.uma%20%20C3%ADndia%20da%20na%C3%A7%C3%A3o%20Tajajara>.

SUMÁRIO

PÁGINA 1: CAPA

PÁGINA 2-6: APRESENTAÇÃO DO TEMA ⇒ VIÉS SOCIAL E FILOSÓFICO

PÁGINA 7-8: INDÍGENAS NO MUNDO ⇒ VIÉS GEOGRÁFICO

PÁGINA 9-10: ÍNDIOS E A ECOLOGIA ⇒ VIÉS BIOLÓGICO

PÁGINA 10-13: ESTEREOTIPIZAÇÃO INDÍGENA ⇒ VIÉS HISTÓRICO

PÁGINA 13-16: ESTEREOTIPIZAÇÃO INDÍGENA ESPANHOLA ⇒ VIÉS ESPANHOL

PÁGINA 16-17: PRODUÇÃO INDÍGENA LITERÁRIA ⇒ VIÉS LITERÁRIO

PÁGINA 18-19: CRÉDITOS FINAIS E DIREITOS AUTORAIS DOS PESQUISADORES

PÁGINA 1

OS INDÍGENAS E SUAS VOZES



O jornal INSD apresenta informações sobre os indígenas dado pelo ponto de vista de alguns pesquisadores, cada um apresentando de um ponto de vista social, filosófico, ecológico, histórico, geográfico e até linguístico.

Polêmicas sociológicas



As manifestações sociais com relação à igualdade entre as raças tem sido uma luta constante dos povos negros e indígenas, principalmente. O caso dos povos negros têm sido mais comum, pois essas vozes têm um poder maior com relação à história, por terem sido escravizados durante três séculos pelos europeus no Brasil. Todavia, os povos indígenas não têm vozes tão fortes quanto aos povos mencionados anteriormente por estarem em minoria, apossando-se de 0,47% da população total do país, segundo dados do IBGE em 2010. Os dados que seriam divulgados em 2020 foram discutidos pelo próprio IBGE durante a Assembleia Geral do Movimento Unido dos Povos e Organizações Indígenas da Bahia (Mupoiba), que aconteceu entre os dias 17 e 18 de dezembro em Salvador.



A atual pandemia do SARS-Cov-2 elevou a preocupação do estado com esses povos, devido ao fato de boa parte destes não terem acesso à informação e por serem importantes mão de obra no país, os que se encontram no setor rural.

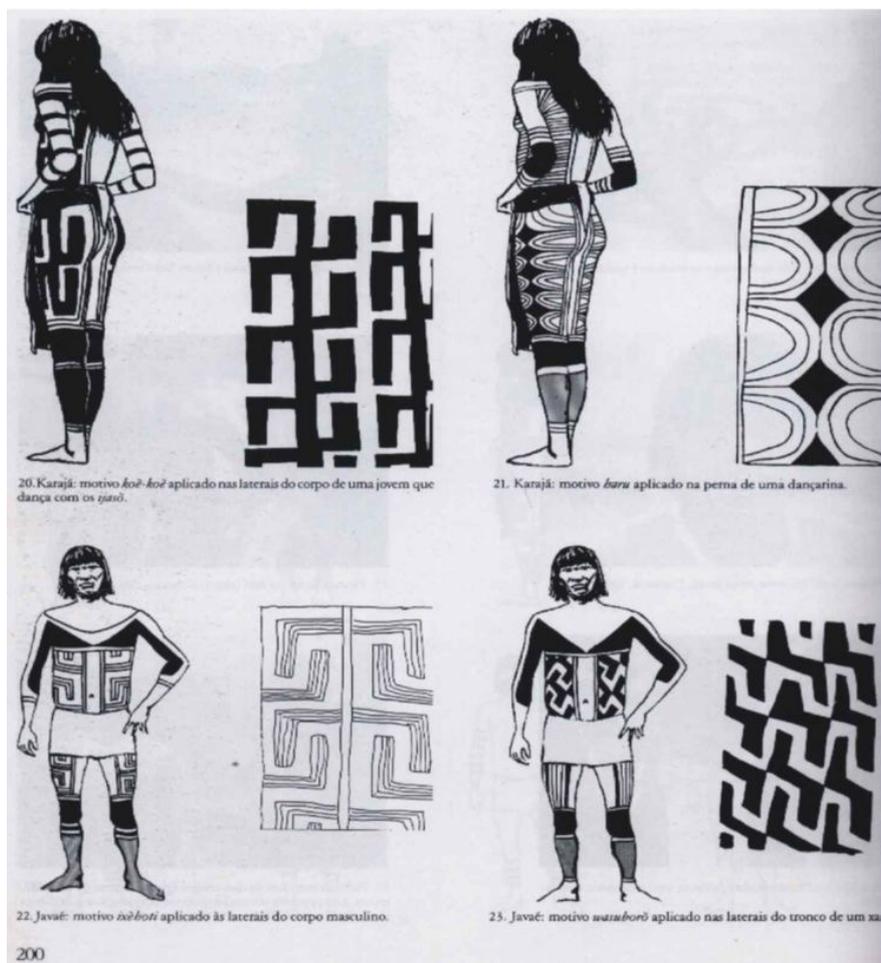
Houve algumas polêmicas de que a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) perderia uma de suas principais atividades, que seria a demarcação de terras indígenas que passariam ao Congresso Nacional, ou ao poder Legislativo, segundo a PEC. De um lado, os próprios indígenas se manifestaram e disseram que essa atitude seria, praticamente, entregar seus direitos na mão dos grandes ruralistas. Por outro lado, essa seria uma atitude inconstitucional, ou seja, a FUNAI é um órgão do poder Executivo, que é o poder que executa as leis do país. O Legislativo cria, mas ele não executa. Então, não haveria sentido em entregar essa demarcação de território ao poder Legislativo, pois ele não poderia promover tal ação.

Por serem minorias sociais, suas culturas e dialetos, em muitos momentos, são desconhecidas por algumas pessoas. Pesquisadores de arte, ao contrário, valorizam e muito suas artes. Sua capacidade de tecer folhas com originalidade e beleza são exóticas, além de que cada pote ou vasilha, como é chamado pelos ruralistas, tenha funções muito específicas. Um utilizado para guardar os temperos e alimentos, outro para peneirar, outro para filtrar e o mais conhecido, a arte dos potes de cerâmica, que por eles são utilizados para a coleta e armazenamento de água, além de servirem para cozinhar alimentos.



No entanto, para os indígenas, a arte mais importante são suas telas corporais, ou pinturas corporais, que podem variar seu significado de tribo para tribo. Essas pinturas estão presentes em momentos importantes, como casamentos e nascimento de crianças. Sim, as crianças viram telas em seu nascimento, pois segundo eles, a criança vem muito frágil espiritualmente para o mundo, então é realizada uma pintura especial na criança que afasta os maus espíritos. Técnica essa passada de geração em geração. Claro que algumas pinturas têm seus significados diferentes. No extremo norte do país, suas pinturas corporais possuem significados como: uma pintura parecida com a pele de uma onça demonstra o domínio sobre a natureza, os triângulos, que imitam as borboletas, possuem significado espiritual.

PÁGINA 4



Sua arte não se limita às pinturas. Suas máscaras, também conhecidas, possuem significados relacionados à mitologia. Estão

presentes em rituais, com músicas e danças típicas incluídas. Seu significado é agradar os espíritos. Variam de tribo para tribo. Suas artes representam a variedade cultural do Brasil, que é pouco valorizada.

PÁGINA 5



Uma curiosidade a respeito dos indígenas é que boa parte de seus mitos e lendas se tornaram fundamentais para o folclore brasileiro, tais como: lara, curupira, boto-cor-de-rosa, boitatá, caipora, vitória régia, sol, entre muitas outras lendas. O interessante é saber que para a sociedade rural, o curupira é considerado o protetor da floresta, enquanto para os indígenas ele é considerado um demônio da floresta, um ser temido e descrito com uma aparência bem diferente.

Segundo algumas opiniões anônimas, sua importância vai além da força bruta e conhecimento de ervas medicinais: são testemunhas chave para a história de um povo massacrado, quase extinto, durante o século XVI. A perda do Museu Nacional foi, de fato, uma perda de muitos capítulos na história brasileira e a perda desse povo pode ser entendido como a perda de todo o começo, meio e fim do livro da história do Brasil.

Fonte: <https://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html>

Fonte secundária: <https://youtu.be/l87T3CoToP4>

Povos Indígenas no Brasil e os estereótipos sofridos



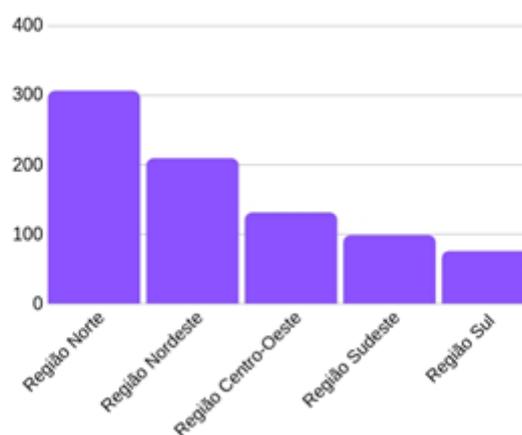
Quando os portugueses chegaram ao Brasil, havia aqui vários povos indígenas com suas próprias línguas, culturas etc. Conforme dados da FUNAI estima-se que no Brasil havia 3 milhões de indígenas, mas com o passar do tempo, massacres feitos contra populações indígenas e doenças esse número diminuiu, tendo hoje em dia cerca de 817 mil indígenas, de acordo com o IBGE. Ainda segundo o IBGE, a região norte é a que contém a maior concentração dessa população com cerca de 300 mil indígenas.

Desde os primeiros contatos com os indígenas, os portugueses, de um modo geral, tinham uma visão de comparação deles com

PÁGINA 8

animais. Essa visão colonial persiste até os dias de hoje, pois muitas pessoas ainda pensam que os indígenas só vivem em florestas de forma selvagem, distantes das cidades.

População indígena por região no Brasil



Fonte: IBGE

Esse estereótipo sobre os índios gera um aumento na discriminação enfrentada por essa população, que sofre agressões e acaba sendo considerada inferior. Seus territórios são invadidos, com isso são roubadas muitas matérias-primas.

Os conflitos entre ruralistas e indígenas, hoje em dia, fazem crer que mesmo com a demarcação de suas terras não há uma devida proteção aos povos que ali habitam.



Indígena e ecologia

Os indígenas representam uma parte da cultura social que precisa ser preservada, além disso representam o meio ambiente também então quando os desrespeitamos estamos desrespeitando a natureza, da mesma forma que quando desrespeitamos a natureza, estamos desrespeitando os indígenas. Os primeiros habitantes do nosso território preservaram muito a natureza como verdadeiros guardiões, usando ervas de cunho medicinal, cascas de árvores, frutas dentre muitos outros produtos que a mãe terra oferecia e após isso, eles replantavam. a natureza nos oferece muito, e o indígena sabe disso, um exemplo da bondade da mãe terra são algumas ervas utilizadas pelos indígenas tais como o Guaraná em pó (*Paullinia cupana*) arruda (*Ruta graveolens*) tais ervas auxiliam em algumas questões médicas.

Em muitas tribos, é comum a utilização de rituais, sejam para agradecer aos espíritos ou por crenças culturais e medicinais. Por exemplo, é comum realizarem um ritual chamado de "Kambô". Esse ritual consiste em elevar a taxa de imunidade de algum indígena, sendo visto nas tribos katukinas, kaxinawás e yawanawás. Utilizando uma substância altamente tóxica produzida pela rã *Phyllomedusa bicolor*, encontrada na região da Amazônia. A rã, identificada pelo seu coaxar característico, é caçada e amarrada, viva, em suas quatro extremidades e raspam a toxina com gravetos. Depois o animal é solto. O índio é "queimado", com a ponta de um graveto quente e nesse local é colocada a toxina. Especialistas indicam não utilizar essa medicina pois pode ocasionar a morte.

Outra prática cultural é o ritual das formigas tocandiras, pela tribo Sateré Mawé onde os meninos a partir de seus oito ou nove anos veste uma luva na qual são colocadas, em média, 50 formigas em cada uma e devem ficar com a luva por vinte e quatro horas enquanto dançam. Acreditam que

isso representa a passagem desse menino para a vida adulta, e deve ser realizado durante um bom tempo.

PÁGINA 10

Além disso os indígenas eram extremamente gratos a essa natureza evitando caças e pescas excessivas , cultivando aquilo que colhiam, enfim são pessoas ecológicas e sustentáveis. Temos de preservar essa cultura e respeitar os indígenas é essencial da mesma forma que respeitamos a natureza.

Os indígenas são o caminho para a sustentabilidade e preservá los é essencial o que eles usam, o que eles criaram, é muito para ser jogado fora, sem falar que com o advento da industrialização matas são derrubadas, florestas destroçadas, porém nós temos que conscientizar as gerações futuras sobre a importância desses povos.

Fonte: <https://homemverde.com/plantas-medicinais-indigenas/>

Fonte: <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2016/05/o-veneno-de-sapo-que-e-usado-como-remedio-na-amazonia.html>

Fonte: <https://youtu.be/DUt7wgJi8iY>

O índio para além dos estereótipos dos livros de história



PÁGINA 11

Pedro Álvares Cabral veio navegando quando alguém gritou: “Terra à vista!” E foi descoberto o Brasil. Ao decorrer desse momento histórico, os portugueses aproveitaram dos índios pelo fato de não possuírem muito conhecimento, avanço social e tecnológico. Além de invadirem as suas tribos, escravizarem, catequizarem os índios contra a sua vontade sem ao menos ouvir o que eles tinham a dizer, sendo explorados e atacados pelos europeus.

Para o pensamento da sociedade naquela época, não importava o que pensavam e sentiam os indígenas brasileiros. Os portugueses se apropriaram do mesmo solo, dos recursos naturais, navegando pelos mesmos rios e escravizando os indígenas. Para os europeus os índios foram apenas um homem vestido de penas e cocar, com flecha e

peteca, morando na oca, chefiado pelo seu cacique, plantando e comendo mandioca, vivendo preguiçosamente em suas aldeias à beira dos rios.



Atualmente, ainda existe uma imagem deformada sobre os índios que é ensinado nas escolas, após uma rápida passagem sobre os índios nos livros de história no capítulo pertinente ao Descobrimento do Brasil. Aprendendo que a cada 19 de abril, o Dia de Índio, a se apropriar de sua arte e cultura para proporcionar que as crianças se vistam como índio, façam gincanas, levando as mãos à boca para fazer aquele som típico do índio que foi ensinado na escola como sendo o som que ele faz, como se os 307 povos indígenas fizessem o mesmo som.

Não deve-se tomar a voz sobre o que é ter sido indígena neste país, devido às extremas dificuldades passadas por eles. Por isso é fundamental a necessidade de discutir esses temas relevantes sobre os indígenas e seus direitos na atual sociedade, com o objetivo de

promover o que é justo para os índios e acabar com os pensamentos preconceituosos do passado.



Fonte: <https://livredetrabalhoinfantil.org.br/noticias/colunas/o-indio-para-alem-dos-estereotipos-dos-livros-de-historia/>

EXCLUSIÓN DE LOS PUEBLOS

Las comunidades indígenas mexicanas sufren más la pobreza y la falta de oportunidades educativas, aunque los grados de discriminación varían en los diferentes estados del país.

Un elemento importante de la paz positiva (actitudes, instituciones y estructuras que crean y sostienen a las sociedades pacíficas) es la

aceptación de los demás, en especial de aquellos que son de diferente religión, nacionalidad o grupo étnico. En muchos países una manera concreta de medir la aceptación como dimensión de una paz positiva es la ausencia de discriminación hacia los extranjeros o los inmigrantes. Los inmigrantes de Centroamérica con mucha frecuencia sufren prácticas discriminatorias en México. La pobreza más persistente se encuentra en México precisamente entre su población indígena.

La tasa de pobreza extrema entre la población que habla alguna lengua indígena en México, según CONEVAL, la agencia responsable de la medición de la pobreza, es del 38%. Pero para los mexicanos que hablan una lengua indígena, este indicador de bienestar es solo del 3,5%. Esto significa que el 96,5% de los habitantes indígenas de México son, o bien pobres porque su nivel de ingresos no cubre necesidades básicas como alimentación, vestido o costes de vivienda, o bien vulnerables a la pobreza porque carecen al menos de un servicio público básico como saneamientos, electricidad, sanidad, seguridad social o escolarización.

Los cinco estados que ocupan las primeras posiciones en este ranking de no discriminación son Aguascalientes, Zacatecas, Distrito Federal, Tlaxcala y, quizá sorprendentemente, Guerrero. Algunos de los estados más indígenas del país (Oaxaca o Puebla) ocupan puestos intermedios

en el índice. Los últimos cinco son Sonora, Michoacán, San Luis Potosí y, en último lugar, Yucatán.



Para los pueblos indígenas lo esencial es poder reconstituirse a partir de los derechos colectivos y no sólo con el cumplimiento formal de la ley. El purismo legal no es suficiente para impedir la manifestación de actos discriminatorios ya que, como lo hemos visto, la normalización y la internalización de la discriminación anteceden a la propia formalización de los marcos normativos. La discriminación étnica o racial es un sistema de exclusiones aparejado a la formulación histórica de las instituciones políticas surgidas del Estado-nación monocultural.

Fonte: <https://www.esglobal.org/la-discriminacion-de-los-pueblos-indigenas-en-mexico/>

LITERATURA INDÍGENA, FOI TUDO ISSO?

O ensino da história e da cultura indígena brasileira durante a Educação Básica tornou-se obrigatório desde 2008, mas ainda se sabe pouco sobre os povos nativos do país. Entre os conteúdos produzidos a respeito desse tema, a maior parte foi escrita dentro dos grandes centros urbanos por pessoas provenientes da sociedade ocidental. Mas, afinal, o que os indígenas têm a dizer sobre suas próprias tradições, culturas e histórias?

Segundo a professora da Pontifícia Universidade Católica do Paraná Janice Cristine Thiél, especialista em literaturas indígenas brasileiras e doutora pela Universidade Federal do Paraná, a produção de textos por indígenas floresceu na década de 1990 e entrou neste século como movimento literário reconhecido. A produção textual indígena ajuda a recontar a história do Brasil a partir de uma perspectiva diferente da narrativa oficial.

Obras como *Iracema*, apresentadas no romantismo, apresentam visões muito romantizadas dos indígenas, como o amor a um homem branco e não foi bem assim. Essas visões foram tão aceitas pelo público que, ou são vistos como pacíficos e românticos, ou como pessoas selvagens.

Outro problema é que a literatura tem suas raízes na tradição oral e a cultura indígena não pode ser descrita apenas por palavras, mas também através de danças, músicas, pinturas e comidas.



Algumas das obras literárias indígenas:

1. Olho d'água: o caminho dos sonhos;
2. Awyató-pót: histórias indígenas para crianças;
3. As fabulosas fábulas de Iauaretê;
4. Irakisu: o menino criador;
5. Iracema;
6. O Guaraní;

PÁGINA 17

PÁGINA 18

CRÉDITOS FINAIS E DIREITOS AUTORAIS

DOS PESQUISADORES

PESQUISADORA DO VIÉS FILO/SOCIO:

⇒ MARIÁH ALMEIDA

PESQUISADOR DO VIÉS HISTÓRICO:

⇒ VITOR SILVA COUTO

PESQUISADOR DO VIÉS ECOLÓGICO:

⇒ LUIZ FERNANDO MENDES

PESQUISADOR DO VIÉS GEOGRÁFICO:

⇒ LUCAS GOMES GARCIA LEANDRO

PESQUISADORA DO VIÉS ESPANHOL:

⇒ RAPHAELLE RAMOS

PESQUISADOR DO VIÉS PORT/LITE

⇒ BRUNO REZENDE

PESQUISADORES DA SALA 201; 2º ANO

INSTITUIÇÃO DE PESQUISA

⇒ INSTITUTO NOSSA SENHORA DAS DORES

DATA DE FINALIZAÇÃO:

⇒ 30/05/2021

PÁGINA 19